PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Ano vinte e três - Número 4

O sétimo dia da criação

A origem da alquimia ocidental

José e Asenate, uma estória de amor do Egito

Enquanto seus corações estão a mil milhas de distância!

O teatro contemporâneo e a formação da consciência

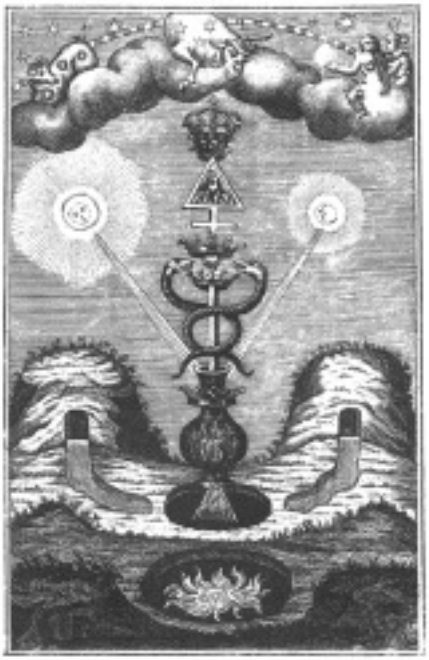
Lúcifer – a Estrela da Manhã

O curso fatal do destino da humanidade

PENTAGRAMA

A origem da alquimia ocidental

A alquimia que se praticava na Idade Média, no ocidente, vem da antiga tradição árabe. Esta sabedoria universal, que é muito antiga, conheceu numerosas ramificações e foi adaptada a inúmeras circunstâncias. Entretanto, a mensagem original aí está presente como uma linha vermelha que atravessa toda a história, mas que mal pode ser percebida porque muitas vezes está recoberta por uma espessa camada de ignorância.



Índice

2 O sétimo dia da criação

6 A origem da alquimia ocidental

14 José e Asenate, uma estória de amor do Egito

24 Enquanto seus corações estão a mil milhas de distância!

29 O teatro contemporâneo e a formação da consciência

36 Lúcifer – a Estrela da Manhã

41 O curso fatal do destino da humanidade

Ano 23
Número 4

O sétimo dia da criação

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas pelo Verbo, e sem Ele nada do que foi feito se fez. No Verbo estava a Vida, e a vida era a luz dos homens. A Luz brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

É com a magia irresistível desse testemunho que se inicia o Evangelho de João. Essas primeiras palavras irradiam a força mágica que provém do mistério do princípio: o Verbo, a Palavra. Uma energia, uma vibração, uma sonoridade misteriosa que chama o Universo à existência e impulsiona a manifestação divina em toda a sua extensão. Na literatura hindu, essa imagem da Criação aparece sob a forma de Vishnu: "a Voz". Ele é o grande cantor que edifica os mundos e o universo com seu canto. Ele manifesta as idéias de Deus, o Criador dos sistemas solares e dos mundos.

Portanto, o Verbo, a Palavra, é a Fonte. *No Verbo estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A Luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.* Não se trata aqui de um fato passado, ao contrário: o Evangelho de João mostra a evidência de que a Luz brilha, mas não é aceita e nem compreendida pelas trevas. No entanto, a Luz não cessa de brilhar. A Palavra Criadora de Luz e Vida ainda não terminou sua tarefa. O Som inexprimível ainda não parou totalmente de soar, a Criação não se completou. A Luz continua ainda a brilhar sobre bons e maus, pois *Sua Obra ainda não está completa.*

Quando Deus emite o Verbo, a Palavra, há um plano claro e bem determinado. Um desenvolvimento harmonioso e benéfico começa. Embora esse plano não tenha se completado e ainda continue inacabado, ele será terminado com êxito, pois a Palavra ainda não se cumpriu. O caos em que a humanidade se encontra agora é uma conseqüência da transição de um período para outro, o que dá origem a novo influxo de radiações, com a correspondente adaptação. Elas determinam a vida no novo período e colocam novas exigências para a humanidade em geral, e a cada ser humano em particular. Cada vez que essas novas condições não são compreendidas nem aceitas, aparece um contra movimento que se manifesta em desarmonia.

Perder o poder de ferir

A voz humana cria palavras. Cada um tem seu próprio jeito de falar, pelo qual também pode ser reconhecido – por exemplo, pela convicção com que afirma algo, ou justamente pelas coisas que não diz. Normalmente somos julgados num primeiro momento pelo que dizemos. Nossas palavras testemunham de nosso tipo, de nossa maneira de pensar e sobre qual fundamento se baseia nossa vida. A palavra chama um pensamento, e esse pensamento cria então uma imagem. Essa imagem passa, por assim dizer, do campo abstrato para o campo físico: falar é literalmente dar forma aos pen-

samentos e sentimentos, e disso emana uma poderosa força criadora mágica, para o bem ou para o mal. Mabel Collins escreveu em *A Luz sobre o Caminho: "Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres, ela deve ter perdido o poder de ferir".*

Os homens falam em todos os tons. A questão é saber se a maneira como falam e ferem ou causam dano é realmente apenas a expressão de uma nova percepção. A maior parte não está consciente disso, mas nem por isso sua fala deixa de atingir alvos, pois cada palavra produz um efeito, cada palavra é uma criação. Se for simples e bem intencionada, então não há nada de mais; mas se tiver a intenção de criticar ou ofender, se for falsa e baseada numa informação incorreta, então ela causa dano, sim. Tais palavras podem perturbar os impulsos ainda muito pouco perceptíveis da alma original: elas podem aniquilar de um só golpe tudo o que se desenvolve de verdadeiramente novo. Não importa se a crítica é verdadeira ou não. Para o ouvinte, não faz diferença, ao contrário: todas as palavras irrefletidas permanecem como "sujeira" no campo de respiração da humanidade. Elas provocam tal contaminação no ambiente que freqüentemente são mais perigosas do que a poluição industrial, por exemplo.

Abrir espaço para a Palavra Original

Pensamentos são criações, e formas que têm a mesma vibração e se juntam para constituir campos magnéticos.

Vishnu descansa sobre a serpente Ananda, símbolo da eternidade. Deogarh, Índia, século V.

Assim, palavras mal intencionadas ou de qualidade inferior contaminam o campo eletromagnético no qual a humanidade vive, e também é desse modo que os humanos podem se mutilar, adoecer, e se matar uns aos outros. *"Antes que a voz possa falar na presença dos Mestres, ela deve ter perdido o poder de ferir."* Aqueles que buscam o sentido da existência, aqueles que tanto desejam contribuir para aliviar o sofrimento do mundo, são aqui advertidos: cuidado com o que falais! Cuidado com as vossas criações, que são capazes de ferir e de contaminar. Começai por limpar e purificar vosso próprio campo de respiração. Tornai-o cada vez mais límpido, e então a atmosfera se tornará cada vez mais leve e mais luminosa. É com isso que se inicia uma nova criação. Aquele que não o faz também é responsável, sim, também é causador dessa grande contaminação eletromagnética na qual ele e seus semelhantes devem respirar e da qual devem viver. O *abuso* do poder criador da palavra e do pensamento – ou seja, seu emprego

num sentido negativo e burguês – sufocam a Palavra original no homem. Não há então mais espaço para essa Palavra, sem contar que o homem não pode mais ouvi-la, portanto não pode mais se purificar e regenerar com ela.

Antes que o homem possa efetivamente colaborar com a Fraternidade da Vida para o benefício de seus semelhantes, antes que ele realmente tenha a capacidade de ser um canal condutor para a Luz, ele deve abandonar completamente o poder de ferir e de causar dano. Enquanto nele não houver lugar para o Amor, enquanto não houver nele silêncio e serenidade, enquanto nele a flor de lótus não se abrir para receber a Palavra, enquanto ele não puder ouvir a Voz de Deus, essa Palavra também não poderá ser emanada dele.

O objetivo não é calar-se enquanto a vida passa: quem realmente compreender e reconhecer que seus pensamentos são criações que se manifestam em palavras, talvez passe a ser mais cuidadoso com seus comentários.

Quem expressa um pensamento fundamentado na verdade cria igualmente uma imagem. Contudo, essa imagem pode despertar e esclarecer a outrem, e proporcionar novas percepções.

Por isso é necessário que o templo puro e sereno seja restabelecido no homem, a fim de que a Palavra possa ser acolhida e retransmitida. Para alcançar isso, o homem deve voltar-se para a Luz e se afastar de tudo que possa se interpor entre os dois. O que ele então deve fazer ou deixar de fazer para se tornar um homem perfeito, será claro para ele a partir de suas experiências nesse novo e sempre renovado caminho de vida. Em sua solidão interior, ele terá que abrir uma passagem para poder encontrar seu Verdadeiro Ser: Aquele que segura sete estrelas na sua mão direita! Então haverá um fluir em conjunto no qual a personalidade se coloca sob a direção de seu Verdadeiro Ser. Graças a essa aproximação tão íntima, a essa fusão, desenvolve-se uma vibração mais elevada no ser renovado; uma sonoridade pura se faz ouvir. Os sete sons da lira divina ressoam novamente em harmonia. Os sete chacras respiram novamente um ar vital puro.

A Palavra ressoa. Ela emana do servo renascido. Ela fala, ela cria, ela representa a Luz. Se necessário, Ela é proferida silenciosamente, em ligação com a Fraternidade da Vida. *"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus".*

A Criação ainda não está completa

A Luz ainda brilha. A Palavra ainda não foi completamente pronunciada. A Criação ainda não se completou. Cada ser humano representa um determinado som, e esse som vibra através das formas que ele cria. Também a terra possui seu próprio tom. Cada átomo tem sua própria tonalidade e cada ser humano é um acorde consonante de todos esses sons. Quanto mais puros soarem os acordes, mais eles poderão contribuir na grande sinfonia que a Fraternidade das Almas Despertas executa. À medida que o tempo avança, todos esse sons, tons e acordes se unem, e são reintegrados na sinfonia planetária, até que ela se torne

completa. Então a Nova Terra será uma contribuição importante na sinfonia do sistema solar, e em seguida a majestosa sinfonia do sistema solar poderá contribuir para a realização do Plano divino em sua totalidade. Então os Filhos de Deus cantarão todos juntos.

Nada do que é real está fora do homem

Tal será o resultado de pensamentos puros e de relações mútuas sinceras e plenas de amor que decorrem da percepção e do entendimento; da compreensão do que se passa no mais íntimo do ser e da supressão do que não vale a pena. Então, tudo o que é vivente permanece e É e, portanto, não está fora do homem. Tudo o que é real está contido nele. A condição para isso é: orientação fundamental para a Luz, de sorte que a Palavra pronunciada também seja verdadeiramente compreendida e se torne realidade. A Palavra Criadora ressoará então através do microcosmo e poderá se manifestar em todo o campo de vida da humanidade. Nessa harmonia de tons e de acordes cada criatura se coloca totalmente a serviço do outro. No segundo volume das *Núpcias Alquímicas de Christian Rozenkreuz*, Jan van Rijckenborg escreveu sobre o sétimo dia da criação: *"Por isso, dizemo-vos enfaticamente: o trabalho de Deus com nossa humanidade, que na linguagem do Gênesis progrediu até o sexto dia, ainda não chegou ao fim. Nossa humanidade ainda está em processo de gênese. E o sétimo dia da criação, o dia da realização, o grande dia de Deus, apenas começa quando um ser humano inicia sua construção-alma. (...) É isso que importa! (...) Quem constrói a alma constrói a eternidade. (...) Podeis pensar em algo mais magnífico do que poder entrar no Rozenhof, o Jardim das Rosas, O Jardim das Rosas da Eternidade, onde a própria vida, a vida de Deus, manifesta-se como contínuo nascimento de magnificência em magnificência? Assim a morte terá um fim. A própria vida se tornará luz, nascida no roseiral do Espírito Santo. A sepultura desta existência material tem de ser fechada para todos nós! Todos nós chegamos a determinado ponto de nosso caminho de vida. E perguntai-vos agora: em que ponto estou agora? Já estais no ponto além da fronteira do novo início? Se não, então apressai-vos, pois o novo início é o sétimo dia, o dia do Senhor, vosso Deus! E importa que esse dia possa festejar sua hora matutina em toda a vossa vida. Que todos vós possais tornar-vos e ser testemunhas radiantes disso."*

A Origem da Alquimia Ocidental

A alquimia que se praticava na Idade Média, no ocidente, vem da antiga tradição árabe. Esta sabedoria universal, que é muito antiga, conheceu numerosas ramificações e foi adaptada a inúmeras circunstâncias. Entretanto, a mensagem original aí está presente como uma linha vermelha que atravessa toda a história, mas que mal pode ser percebida porque muitas vezes está recoberta por uma espessa camada de ignorância.

A verdadeira alquimia tende a restabelecer a unidade entre o espírito, alma e o corpo.
A verdadeira alquimia transforma os vis metais em metais preciosos.
A verdadeira alquimia baseia-se no ensinamento inalterável de Hermes Trismegisto.
A verdadeira alquimia é a chave da arte real da construção.
A verdadeira alquimia é um processo transfigurístico.
A verdadeira alquimia é a senda que conduz a Alma até o Espírito.
A verdadeira alquimia é a fabricação do remédio universal.
A verdadeira alquimia permite a transmutação e a transfiguração da parte extraviada da criação.

As palavras acima mostram que a verdadeira alquimia é uma ciência interior, que acompanhou a humanidade a partir do momento em que esta abandonou o domínio divino para seguir seu próprio caminho.

Logo após a morte do profeta Maomé (632 d.C.), o Islã se propagou rapidamente, graças às suas conquistas. Reconheceram logo que entre os países que haviam sido submetidos muitos tinham um grau de cultura bem superior ao dos conquistadores. Foi o caso da Síria e do Egito, que caíram sob a influência do Islã, em 640 d.C. Nos dois países, a antiga sabedoria e as tradições das culturas passadas haviam sido preservadas. Os conquistadores árabes ali encontraram uma rica herança de textos sobre astrologia, hermetismo e alquimia, redigidos em siríaco e em copta. Havia também traduções de obras de filósofos gregos como Pitágoras, Platão, Aristóteles e Plotino.

A alquimia árabe tomou emprestado elementos do ensinamento gnóstico e da filosofia grega. Mas a principal fonte é de origem hermética, como a célebre *Tábua Esmeraldina*. A tradição árabe identifica Hermes Trismegisto com o profeta Ídris. Dizem que ele foi elevado até as mais altas esferas cósmicas, até a esfera exterior de Saturno – o que permitiu que ele ensinasse aos homens o conhecimento dos mundos superiores.

Uma grande influência no desenvolvimento ocidental

A alquimia árabe não é a simples busca de ensinamentos gnósticos, platônicos e herméticos. Enquanto na Idade Média a leitura e a escrita ainda eram muito pouco desenvolvidas no ocidente, os países árabes conheceram uma cultura científica com desenvolvimento impressionante. As ciências da natureza e a filosofia se destacavam. Numerosos escritos antigos eram traduzidos para o

O ovo de serpente, símbolo do progresso eterno. *Speculum Veritatis*, século XVII.

árabe. Esta assimilação da sabedoria clássica e seu desenvolvimento exerceram uma influência capital sobre o ocidente.

Logo que os turcos conquistaram os Bálcãs e os árabes, a Espanha, a Europa sofreu a influência da cultura árabe e descobriu assim o antigo Egito e os filósofos gregos. Mas foi também através das cruzadas que a Europa entrou em contato com antigos conhecimentos e técnicas novas. No final da Idade Média, a Europa foi se abrindo cada vez mais. Assim, podemos dizer que uma grande parte da civilização da Europa ocidental provém do oriente. Mesmo a filosofia dos templários e dos cátaros, ou a de um sábio como Paracelso, sofreu forte influência árabe. A palavra alquimia vem do árabe *al-kîmiyâ*.

A alquimia de Djabir Ibn Hayyan

Do mesmo modo que Cristão Rosacruz, que representa o protótipo do novo homem, a alquimia árabe também propõe um protótipo de novo homem. Ele se chama Djabir ibn Hayyan (ou também Gabir ou Geber). O verdadeiro alquimista deve dominar quatro processos:

- *a purificação das substâncias,*
- *a dissolução,*
- *a condensação,*
- *a fusão.*

Sabemos pouco a respeito do personagem Djabir. Ele seria o autor de uma centena de obras e é considerado o mais importante dos alquimistas árabes. Ele não só escreveu sobre a alquimia, mas sobre outras ciências, tais como a medicina, a filosofia e a religião. Por causa do grande número de suas obras, logo nos perguntamos se se tratava apenas de uma só pessoa. Ele teria vivido entre os séculos VIII e X. O professor francês Henri Corbin, cujas obras não só testemunham conhecimentos, mas uma alta espirituali-

HER:IS:THE:LAST:OF:THE:REDSTON
The bird of Hermes is my name

dade, escreveu: *"O personagem Djabir está presente em todos os seus escritos. Ele adquiriu um conhecimento que ultrapassa os limites humanos."* [3]

O nome de Gabir também se tornou célebre, pois ele aparece no *Apocalipse de Gabir* (ver *O Apocalipse de Gabir*, Pentagrama ano 21 n.º 1). Não se trata de uma figura histórica, mas do protótipo do homem capaz de reagir positivamente ao toque regenerador da Gnosis. Seus escritos contêm muitos elementos da crença dos ismaelitas, comunidade secreta da corrente xiita que surgiu no século IX e que se inspirou no gnosticismo e no neoplatonismo. Os escritos de Djabir são de difícil compreensão. *O Livro das Definições (Kitab al-Hudud)* fala da "libertação da alma" e conduz o leitor ao mundo da alquimia. Ele explica que os ensinamentos terrenos, tais como a medicina tradicional, o conhecimento dos talismãs, a matemática, a música e a lógica são subordinados à filosofia, à cosmologia e ao ensinamento da luz e das trevas. A alquimia se encontra entre a religião e a ciência e pode perfeitamente unir os dois.

Não há nenhum método para a fabricação do ouro

O que será que este autor queria dizer com isto? Queria mostrar que praticar a verdadeira alquimia é começar a seguir o caminho que leva ao Espírito – e não um caminho que permita fazer ouro, ou que enriqueça o pobre. Henri Corbin diz a esse respeito:

Os tesouros de Cristão Rosacruz

Christian Rosenkreuz partiu para o Oriente Médio para aprender a sabedoria dos povos árabes. Sua viagem o levou de Chipre a Damcar, depois ao Egito, e por fim, a Fez, no Marrocos. Com todas as idéias que ele recolheu durante esta viagem, ele retornou à Europa para dar ao cristianismo um impulso regenerador. Esta viagem é descrita no livro O Chamado da Fraternidade Rosacruz [1]. *O autor, Jan van Rijckenborgh, escreve: "Não há rivalidade alguma entre as diversas escolas de Mistérios, mas, ao contrário, a mais estreita cooperação, pois seu trabalho comum é o serviço à humanidade, e no que tange a este assunto, suas artes mágicas estão em concordância, embora seus respectivos métodos sejam muito diferentes. É sempre cheio de profunda gratidão que Christian Rosenkreuz menciona sua estadia em Fez. Mas, comparando a magia que é exercida em sua suprema sabedoria, ele constata que ela não é pura, e que este ensinamento secreto está mesclado, como é compreensível, a uma religião pré-cristã. No entanto, ele sabe tirar um ótimo proveito da sabedoria aplicada em Fez e encontra nela um fundamento ainda melhor para a sua fé."*

A prova de que a alquimia está presente no ensinamento da Rosacruz é o título de uma de suas obras: As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz [2].
Os comentários de Jan van Rijckenborgh dão a explicação do processo alquímico de renovação do corpo e da alma, assim como a celebração das núpcias da Alma e do Espírito.

"Meu nome é Pássaro de Hermes: vou roendo minhas asas para me tornar manso."
Ripley Srowle, James Standish, século XVI, British Museum, Londres.

É verdade!
É certo!
É a inteira verdade!

O que está embaixo é semelhante ao que está em cima,
E o que está em cima é semelhante ao que está embaixo,
A fim de que os milagres de uma única coisa possam se realizar.

Da mesma forma que todas as coisas foram engendradas de uma única coisa, por um só intermediário, assim todas elas nasceram de uma só coisa, por transmissão.

O Sol é seu pai, a Lua é sua mãe, o Vento a trouxe em seu ventre, a Terra é sua nutriz.

O Pai de todos os Talismãs do mundo inteiro é onipresente.
Sua força utilizada na terra fica imaculada.

Vós separareis a terra do fogo, o sutil do que é denso, suavemente e com grande sabedoria.

(Extraído da *Tábua Esmeraldina*).

"Na obra alquímica é necessário fazer nascer o 'corpus glorificationis', *este novo ser que foi descrito de várias maneiras e ao qual foram dadas centenas de formas e de nomes. Esta operação não está separada da matéria sensorial perceptível, sobre a qual ela age"*. Em sua obra sobre a alquimia, o orientalista Titus Burckhardt explica: *"Originalmente, a obra interior e a obra exterior caminhavam juntas. Afinal, uma obra somente pode ter sentido em um contexto total, quer dizer, no contexto de uma cultura voltada para o que há de mais elevado no homem, quando serve como caminho espiritual"* [4].

Naquele que cultiva em si o germe divino para que possa desabrochar, ocorre ao mesmo tempo a ligação entre a alquimia espiritual e a alquimia material. Isto faz com que ele mude corporalmente. Assim, ele também comprova que a alquimia baseada em valores e forças gnósticas é possível. Para transformar a matéria vil em matéria nobre, a alquimia precisa de um elixir. Esta palavra vem do árabe *al-iksir*, a qual deve ser de origem grega e quer dizer "pó para espargir". Segundo os antigos alquimistas, os elementos mercúrio e enxofre, que deveriam fundir-se, apareciam graças à água, à fumaça, ao calor e à condensação. O mercúrio, que é úmido e brando, faz com que o enxofre ígneo se torne moldável. É assim que se formam os minerais, os metais e as pedras preciosas. No ouro – que é um produto do sol – encontram-se o mais puro enxofre e o mais puro mercúrio.

A fim de purificar os vis metais e de transformar o chumbo da natureza em ouro do espírito, é necessário possuir o elixir: o puro enxofre e o puro mercúrio: afinal, é preciso *"casar o masculino, quente e seco, com o feminino, frio e úmido"* [4]. Nos dois se encontram os quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Quando o masculino e o feminino se relacionam harmoniosamente, eles formam os princípios Yin e Yang. *"É da união perfeita do enxofre e do mercúrio que nasce o ouro vivente"* [5]. Segundo as mais antigas fontes alquímicas, todos os minerais conteriam mercúrio e enxofre. É também o que acreditaram, por muito tempo, as ciências oficialmente admitidas.

O princípio espiritual central exclusivo

Quando a ciência começou a se libertar de suas origens alquímicas, a

alquimia passou ao estado de superstição e caiu no desdém. Os que estavam bem informados afirmavam que a alquimia verdadeira referia-se exclusivamente ao princípio espiritual, ao caminho espiritual. Diziam que o enxofre e o mercúrio são respectivamente símbolos da Água da Vida e do Fogo do Espírito, e que do enxofre e do mercúrio provém o elixir: *"Num certo sentido, o enxofre cristalizado representa a compreensão: ele é o guardião do ouro do Espírito, mas sob uma forma estéril. Ele deve primeiramente se dissolver no mercúrio para que, tornado um elixir, um fermento vivente, ele possa transformar os outros metais"* [5]. É a presença do mercúrio, elemento do elixir, que transforma os metais impuros.

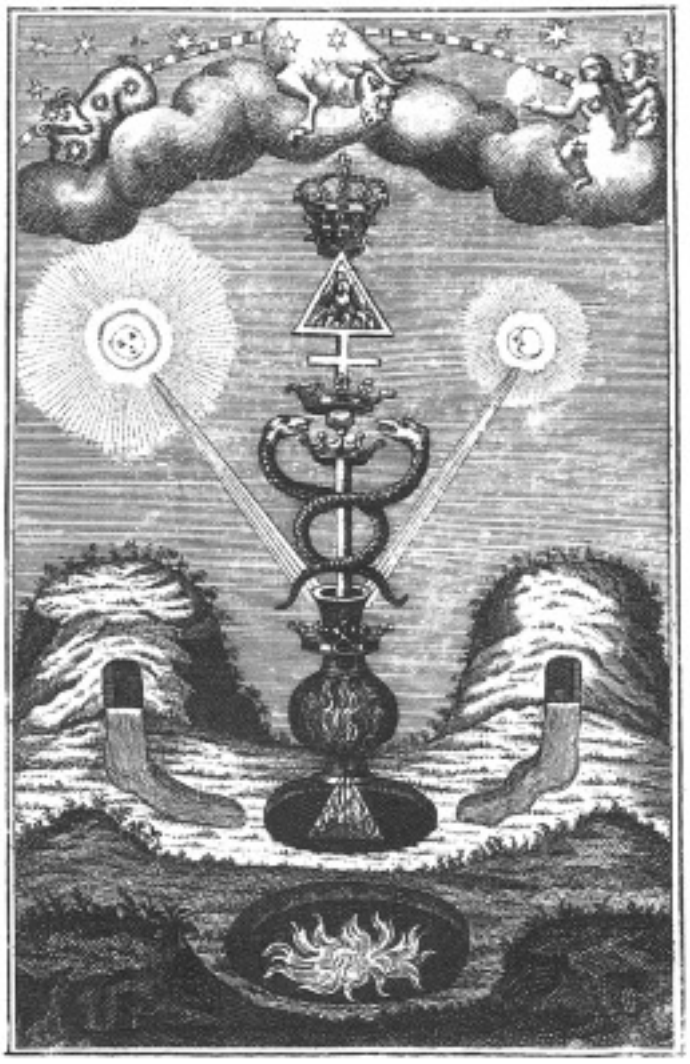
Em *O Livro da Compaixão*, Djabir escreve: *"Já que o próprio elixir provém da união dos quatro elementos, do corpo e do Espírito, ele pode da mesma forma fazer reviver os 'corpos'. Ele ressuscita os mortos, ele triunfa sobre a natureza grosseira de seus corpos... e os transforma em prata e em ouro"* [5]. Djabir também chama este elixir de imã. Na língua corrente, um imã é um chefe temporal do islã. Para os xiitas, é um chefe espiritual. Djabir prefere utilizar esse termo no sentido esotérico para falar a respeito do "divino", ou até mesmo da "divinização do homem". Através da palavra "imã" ele designa a ação espiritual do elixir.

Na terceira fase do processo, acrescenta-se sal ao enxofre e ao mercúrio. Basílio Valentin, gnóstico egípcio do século II d.C., escreveu a esse respeito: "Em todos os locais onde há metal, há enxofre, mercúrio e sal... Espírito, Alma e Corpo". Esta trindade – enxofre, mercúrio e sal – ainda é respeitada atualmente nas medicinas que consideram o homem em sua globalidade de criatura biológica espiritual. Paracelso trabalhava neste sentido e esta trindade continua sendo a base da medicina antroposófica, do tratado médico do *Ayurveda* e da medicina chinesa. Até a homeopatia se baseia nestes conhecimentos herméticos.

Cosmologia e alquimia

Não podemos falar de alquimia, de maneira completa, se não incluímos nela a noção de macrocosmo. Com efeito, os metais são muito fortemente ligados aos planetas e às suas influências. Os alquimistas descreviam os diferentes metais com os símbolos utilizados para os planetas e muitas vezes lhes davam os mesmos nomes. Esta semelhança, que estabelece uma relação entre a alquimia e a astrologia, está baseada numa lei enunciada na *Tábua Esmeraldina: "o que está embaixo é como o que está em cima"* [4]. É assim que o Sol está ligado ao ouro, a Lua à

Representação alegórica do casamento dos opostos. *Figuarium Aegyptorum Secretarum*, século XVIII.



A purificação e a transformação dos elementos fazem surgir o caduceu de Hermes A.T. de Limojon de Saint-Didier, *Le Triomphe hermétique*, 1689.

prata, Júpiter ao estanho, Marte ao ferro, Vênus ao cobre, Mercúrio ao mercúrio e Saturno ao chumbo.

Os escritos dos *Ikhwan as-safa*, os "Irmãos Puros", sociedade secreta esotérica do Islã, do século X, mostram a correspondência entre a alquimia árabe e a cosmologia conhecida na época, fortemente submetida à influência do ensinamento neoplatônico da emanação. Os Irmãos Puros queriam reconciliar a ciência com a fé verdadeira. Segundo seus ensinamentos, a ação divina se manifesta na alma do mundo. Pelas emanações, são formadas a partir desta alma do mundo: as esferas (da mais elevada à mais baixa), depois, a matéria original, as propriedades, os elementos, e, por fim, as coisas individuais.

A esfera mais elevada e a matéria original são contíguas à alma do mundo. Em seguida vem a esfera das estrelas fixas, e somente depois, Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio, a Lua – e, finalmente, as esferas de fogo, de ar, de água e de terra. Os sete corpos celestes que acabamos de nomear formam, segundo os Irmãos Puros, o número perfeito. Segundo eles, esses sete corpos celestes não estão somente ligados com os metais, mas também com certos organismos e certas propriedades:

1. O Sol (o ouro) é o guia, o senhor e o rei. Ele cria os reis e rege o coração.
2. A Lua (a prata) é a "mãe das estrelas" garante sua proteção, velando por elas. Ela cria o feminino, governa o nascimento e a morte, e controla os pulmões que inspiram e expiram ar.
3. Júpiter (o estanho), é justo e sábio. Ele cria os homens justos e poderosos, rege o equilíbrio e controla o fígado.
4. Marte (o ferro) é guerreiro. Ele cria os seres corajosos. Ele rege o movimento e a ambição. Ele controla a bílis.
5. Vênus (o cobre) é "a irmã e a servidora das estrelas". Ela rege a beleza e a ordem, a vivacidade e a concupiscência. Ela controla o estômago.
6. Mercúrio (o mercúrio) é "o irmãozinho das estrelas" e escritor. Ele cria os seres que têm discernimento e inteligência. Ele rege a habilidade e a curiosidade, e controla o mistério das faculdades mentais.
7. Saturno (o chumbo) é o ancião que guarda o tesouro. Ele cria a lentidão e a constância, rege a solidez e a imobilidade. Portanto, ele garante a fixação duradoura das formas na matéria. Ele controla o baço.

Estas proposições demonstram que este ensinamento enxergava profundamente as correspondências entre microcosmo, cosmo e macrocosmo. Elas dão uma imagem do processo alquímico de renovação que pode fazer com que o homem transcenda sua

condição material e fazer com que o germe divino floresça dentro dele.

O SIGNIFICADO DO OURO

Para os alquimistas, o Sol e o ouro sempre simbolizaram o centro, o coração, o Espírito. A prata, ou a Lua, refere-se à alma. Titus Burckhardt escreveu: "*O homem foi criado para participar ativamente do Espírito Santo, do qual ele é a imagem central. A partir deste aspecto, podemos dizer que ele é o centro da terra, pois, conforme ele vai se unificando com o Espírito, ele se torna o centro de todas as formas – do cosmos inteiro. O verdadeiro objetivo da alquimia é realizar este estado: ser o centro da terra. Os alquimistas dizem freqüentemente que o objetivo de sua obra é 'a espiritualização do corpo e a encarnação do Espírito' "*[3].

O mesmo acontece com o ouro. O símbolo do ouro é um círculo com um ponto no meio. Isto mostra bem como o ouro expressa a ligação essencial entre a imagem original e sua imagem material, da mesma forma que o Espírito divino age somente no homem perfeito.

Para penetrar até o centro do microcosmo, até o sol espiritual, o alquimista se submete a um processo de purificação: por meio do elixir, há a purificação dos seis metais elementares, ou de suas propriedades correspondentes no homem. O poeta persa Hafiz (por volta de1320-1389), descreve o processo alquímico assim:

Observa:
Por mais que a matéria do corpo
seja feita com muito chumbo,
o alquimista do amor
a trabalha
e a transforma
no mais puro ouro.

1 Jan van Rijckenborgh, *De Roep der Rozenkruisers Broederschap*, Rozekruis Pers, Haarlem, 1966.

2 Jan van Rijckenborgh, *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1996.

3 Henry Corbin, *Le Livre du glorieux Jabir Ibn Hayyan*, Eranos Jaarboek 18/1950 Rhein Verlag Zürich, 1950.

4 Titus Burckhardt, *Alchemie. Sinn und Weltbild*. Edition Ambra. Dingfelder Verlag, 1992.

5 Prof. Edmund Lippmann, *Entstehung und Ausbreitung der Alchemie*, Verlag Julius Springer, Berlin, 1919.

Fonte complementar:
Sjeik Abou Moussa Djaber ben Hayyan Es-Soufy, *The Secret Tradition in Alchemy.*

José e Asenate, uma história de amor do Egito

A história de José e Asenate

Há muito, muito tempo, depois de fazer a interpretação dos sonhos do Faraó, José percorreu o Egito inteiro a fim de reunir as abundantes colheitas de trigo como provisão para os sete anos de fome que haviam sido preditos. Foi nesse momento que a bela Asenate encontrava-se na torre do palácio de seu pai. Ela tinha ao seu redor sete moças escolhidas entre as mil jovens belezas da Síria, do Egito e da Arábia. A escolha não havia sido fácil: elas deveriam ser todas da mesma idade de Asenate, nascidas no mesmo dia, na mesma hora, isto é, à meia-noite, mas em lugares que estivessem bem afastados uns dos outros, sob a mesma lua.

"*Não pensem*", dizia Asenate às suas companheiras, "*que meu pai, Putifar, sacerdote de Heliópolis e sátrapa de Faraó, possa me dizer: 'Tu amarás tal homem', ou então, 'tal homem te tomará como esposa'! Não, o coração de Asenate pertence somente a ela mesma e não se voltará para nenhum homem mesmo que ele seja o maior de seu país, mesmo que até as estrelas se inclinem diante de sua beleza. Sim, meu pai é bom e justo, entretanto eu não o obedecerei nesse assunto, pois antes de tudo tenho gravadas em meu coração as sábias palavras de minha mãe. 'Minha filha', ela disse-me, 'teu pai é egípcio, mas tu não o és, pois eu sou do povo hebreu da Síria, descendente de Zedekiah, do país que está além do Eufrates. Quando nasceste, eu te roubei dos egípcios. Fica atenta para não abraçar contra teu coração um príncipe do país do Faraó: é melhor escolheres um homem de meu próprio sangue hebreu, sangue que corre para o leste através da Síria, para que ele possa ocupar o trono do Egito, a fim de que este se eleve dos confins da terra e conquiste a Síria em direção do oeste.' Compreendeis agora o que vos digo?*"

"*Ó Asenate, nós nos inclinamos diante de ti. Mas os corações dos mais poderosos deste país estão inflamados de paixão diante de tua beleza!*"

"*Jamais temerei estes fogos. Aliás, as palavras de minha mãe já não têm valor para mim. E seu conselho para evitar os egípcios e me casar com um homem de seu sangue não tem mais nenhum sentido, já que por minha própria vontade, eu repelirei todo homem, seja hebreu ou egípcio.*"

A história de José e Asenate está publicada no livro "Picture Book for the French Red Cross" de Edmund Dulac, uma edição especial de 1914 do Daily Telegraph de Londres, em benefício da Cruz Vermelha Francesa. Um relato compilado e ilustrado por Edmund Dulac. Podeis observar nesta lenda, "José e Asenate, uma história de amor do Egito", as núpcias alquímicas da Alma e do Espírito e captar profundamente a sabedoria descrita nela. Pensamos que não poderíamos privar nossos leitores de uma jóia como esta.

Redação Pentagrama

"Ó, Asenate, nos inclinamos diante de ti. Os corações dos mais poderosos estão inflamados de paixão diante de tua beleza." Ilustração Edmund Dulac, 1914.

As sete jovens se entreolharam em silêncio. Por fim, uma síria com olhos negros adiantou-se e disse:

"*Ó Asenate, ouve-me! Nunca ouviste essa voz misteriosa em teu coração que te fala de teus olhos escuros, do vinho doce de teus lábios, e de braços fortes que te abraçam e te apertam como uma tenra flor?*"

"*Não. Eu não, Ashtar. E tu?*"

"*Eu também não. No entanto, já ouvi cantarem sobre isto em canções doces e melancólicas. E não duvido que essas belas canções fazem bater violentamente o coração daqueles que elas comovem e ...*"

"*Cala-te Ashtar*", interveio Asenate com uma certa cólera na voz. "*Tuas*

palavras me invadem da cabeça aos pés. Vejo a paixão brilhar em teus olhos!"

Então, Ashtar recuou diante de seu olhar duro, escondeu o rosto entre as mãos e afogou a luz de sua loucura numa torrente de lágrimas quentes.

"Cala-te criança, ficaste certamente louca para pronunciar tais palavras".

As outras jovens permaneceram em silêncio, sem se mexer. Elas temiam que sua compaixão por Ashtar reavivasse a cólera de sua senhora. Mas cada uma delas virou-se e ergueu um pouco os olhos para a vítima, a qual havia pronunciado palavras temerárias que elas mesmas não teriam jamais ousado pronunciar.

"Ouçam!" disse Asenate erguendo-se e elevando a voz, "hoje, fui informada de que o filho mais velho do Faraó escolheu-me para esposa. Mas eu não o quero. Eu disse ao mensageiro que o rei do Egito deve desejar uma mulher mais digna para seu filho, e que ele faria melhor dirigindo-se ao rei de Moab, cuja filha não só é uma beleza como também é uma rainha! Bem, eu não quero nenhum deles! Eu não quero me casar e não me casarei!"'

Mas, por mais que guardasse com grande estima a lembrança de sua mãe, de como ela era tão bela quanto Raquel, de acordo com as normas dos hebreus, e de como ela não gostava dos egípcios e do governo deles, Asenate não conhecia outra religião senão a deles – e seu pai lhe ensinou a venerar os deuses egípcios. Por isso, ela se retirava todos os dias lá no alto da torre, onde, no meio de doze salas, havia um quarto magnificamente decorado com jóias raras de todas as cores, trabalhadas pelas mãos de mestres. Lá se encontravam muitos deuses em ouro e prata, cinzelados de forma artística. Havia alguns até mesmo no teto. Todos os dias ela ia adorá-los, ao mesmo tempo que os temia e lhes fazia oferendas. Depois disso, tinha o hábito de se retirar para uma sala luxuosa cuja janela dava para o Oriente. Então ela meditava ou sonhava olhando o pátio interior do palácio por detrás do qual corriam silenciosamente as águas do Nilo. Às vezes, ela bordava tecidos ricamente decorados que amava muito, às vezes ela tocava em seu alaúde suaves melodias ou cantava sob a luz prateado da lua. Suas companheiras ficavam sempre junto dela; e, lá embaixo, na cidade, ressoavam sem cessar os passos desses homens que ela não queria nem temer nem amar, e que jamais estariam destinados a subir a escada de mármore da torre do palácio.

❦

Nas doze salas, encontravam-se objetos esplêndidos, que eram tão preciosos quanto raros. Essas salas cheias de tesouros e de jóias brilhantes, esplendidamente decoradas e ornadas com admiráveis tapeçarias de linho e de seda, tinham grandes varandas. No parque, estavam espalhados encantadores pavilhões com finas colunas. Suaves brisas faziam fremir a folhagem das altas palmeiras. A água límpida das fontes reluzia à luz do sol antes de recair sobre leitos de musgo, ou em garoa fina sobre o rendado das samambaias, até o momento de deixar-se embalar, como num sonho, nas grutas profundas ou em frescas cavidades. Na morada de Asenate não faltava nenhuma flor que já tivesse encantado o olhar de um camponês ou de um rei. Lá reinava um perfume tão agradável que só era preciso fechar os

olhos para se acreditar estar na suave atmosfera do paraíso.

❦

Após ter falado com suas companheiras, Asenate deitou-se sobre um divã de ouro recoberto por um tapete purpúreo ornado de bordados dourados e de pedras preciosas que brilhavam como estrelas à meia-noite. Ela estava olhando pela grande janela que dava para o Oriente quando uma certa atividade no pátio do palácio a fez estremecer. Escravos corriam para todos os lados sob as ordens de um intendente. Cada um parecia aguardar um acontecimento particular.

"O Faraó ordenou a José, o vice-rei, que fizesse a avaliação de todas as abundantes colheitas deste ano. Meu pai o sabe, e ele certamente enviou um mensageiro para avisá-lo da chegada do vice-rei e ir ao seu encontro. É certamente isso".

"Será que José, o vice-rei viria mesmo até aqui?" disse Ashtar. *"Nesse caso eu o verei. Dizem que ele é belo como um deus!"*

"Dizem? Mas quem diz isto, jovem?"

"As canções", balbuciou Ashtar, de repente desanimada ... *"as canções que falam de amor..."*

"Silêncio, não passas de um fogo fátuo! Os poetas te enfeitiçam. José é um homem como todos os homens. Afinal, ele não é filho de um pastor? Não fugiu, não foi vendido como escravo, jogado na prisão por seu dono, talvez por bons motivos?"

"Sim, senhora bem amada, mas o Faraó não o libertou?"

"É verdade: ele o libertou porque José soube lhe explicar seus sonhos. Mas isto não importa, pois qualquer mulher velha pode interpretar sonhos no Egito! Pareces estar enfeitiçada!"

Ashtar calou-se e olhou para o céu azul. *"Por que esse José, depois de ter interpretado os sonhos para o Faraó, tornou-se seu favorito, ao passo que ninguém tinha consideração por uma velha egípcia? Quem sabe talvez não seja porque, como proclamam os cantores, ele é belo como um deus e porque o espírito de um deus o habita?"* perguntava-se Ashtar. E sentou-se toda aflita, enquanto Asenate a observava, com ar altivo. Então, Ashtar suspirou e afundou-se em suas almofadas. Seus lábios tremiam.

"Ashtar está enfeitiçada", cochicharam entre si as outras jovens. *Será que isto pode nos acontecer também?"*

Asenate as ouviu e gritou:

"Ashtar é uma louca! Quem mais, a não ser uma louca poderia ter pensamentos como estes e dizer coisas assim?"

Nesse momento, um tumulto se fez ouvir, e, quando Asenate ouviu vozes, aproximou-se da janela.

"Olhai!" gritou ela. *"Um grande cortejo se aproxima das portas. Na frente, vejo meu pai. E quem é aquele que está a cavalo ao lado dele? E o que os homens estão gritando? 'José, o príncipe de Deus!' É como ele está soberbamente sentado sobre o seu cavalo branco e que magnífica escolta! O que achas, Ashtar, será o vice-rei?"*

"Sim, senhora. Sim, esse homem chama-se José e ele é semelhante a todos os homens. Dizem que ele se ocupa com a colheita de trigo e não procura o amor de uma mulher".

"Que ele se ocupe de seu trigo", disse bruscamente Asenate levantando-se. *"Saiam todas, quero ficar sozinha"*.

As jovens se foram e Asenate voltou novamente para a janela. Agora as portas estavam abertas, e seu pai, José

"...quando Asenate ouviu vozes, ela aproximou-se da janela." Ilustração Rie Cramer

e a escolta penetravam no pátio. Oh, como eram perfeitos seus gestos e suas vestimentas! O coração de Asenate quase explodiu de tanto bater ao ver José. E então, sem querer, ela aproximou-se um pouco mais da janela para olhar para baixo. José ergueu por acaso os olhos. Seus olhares se encontraram e Asenate sentiu uma agulhada no coração, escorregou e, em sua queda, agarrou-se às almofadas. De repente, a tristeza a invadiu e ela começou a soluçar. Ela havia proferido palavras tão amargas e agora, doces lágrimas de arrependimento reconfortaram sua alma em suplício. Ela sentou-se, infeliz, mas com a luz da vitória nos olhos.

"*Ashtar não é doida*", murmurou torcendo as mãos, "*e não creio em todo mal que dizem dele. Ah, como sou infeliz! De que vale a minha vida, agora? Ele vem para receber a contribuição que cada um deve fornecer em trigo. Depois, ele irá embora e então...*"

Ela deixou-se cair sobre as almofadas, e, tomada de grande tristeza, chorou mais uma vez.

❦

José entrou no palácio de Putifar e todos se ajoelharam e deram testemunho de seu respeito a ele. Todos, menos Asenate, que ficou escondida na torre. Quando terminaram de lavar os pés de José, os escravos lhe trouxeram iguarias e bebida. Mas fizeram isto em uma mesa apartada, pois "o filho de Jacó", "o hebreu" não poderia se sentar na mesma mesa com os egípcios: para estes, isto era uma abominação.

"*Senhor Putifar*", disse ele depois de ter-se alimentado "*eu vos pergunto:*

quem é essa mulher que eu vi olhando pela janela de sua torre mais alta? Estou feliz por não vê-la aqui!"

Putifar sabia muito bem que José havia visto sua filha e sabia também que não havia uma única mulher ou filha de dignitário egípcio que ao ver a beleza de José não fosse levada a nutrir alguma negra intenção. Numerosos eram os presentes de ouro, prata e pedras preciosas enviados por aquelas que suspiravam por ele, e que, só ao vê-lo de longe, ficavam com o coração perturbado. Era um suplício para José, tão puro e casto quanto belo. Ele lembrava-se do conselho de seu pai para recusar cortesmente todas as mulheres estrangeiras, para não ter nenhuma relação com elas, e para guardar a pureza de sua alma para seu Deus.

"Senhor", respondeu Putifar, *"a mulher que vistes nada mais é do que minha filha, uma virgem pura e que não contemplou nenhum homem a não ser eu mesmo. Ela zela pelo seu estado de pureza. No caso de poderes falar com ela, será preciso considerá-la como vossa própria irmã, pois ela rejeita os homens de todas as formas".*

Estas palavras produziram uma grande alegria em José.

"Então é diferente", disse. *"Se é vossa filha, e ainda mais, uma virgem que evita todos os homens menos um pai ou um irmão, faze-a pois vir aqui: ela será uma irmã para mim e eu a amarei como tal".*

Então, Putifar foi procurar Asenate e logo voltou com ela segurando-a pela mão. Assim que viu José, seu olhar foi como o olhar de quem viu o paraíso.

"Aproxima-te de teu irmão", lhe diz Putifar, *"e acolhe-o com um beijo, pois ele é como tu, de uma pureza virginal".*

Ela foi até ele dizendo:

"Salve Senhor todo-poderoso e abençoado do Altíssimo!"

E José respondeu:

"Salve, jovem imaculada, que o Senhor teu Deus que criou toda a graça e toda beleza te abençoe sem cessar".

Mas, quando Asenate aproximou-se modestamente para executar a ordem de seu pai e beijar seu novo irmão, José viu um brilho de amor em seus olhos, mesmo que a pobre criança nada conhecesse de um tal sentimento, e ele sentiu que seu coração saltava de seu peito para se aninhar no dela. Ele ergueu-se imediatamente e, levantando a mão direita, disse:

"Não fica bem para um homem cujos lábios glorificam o Deus vivente beijar uma mulher estrangeira que envia suas preces aos blocos de pedra e de madeira, que come o pão dos oprimidos e bebe na taça da traição".

❦

Quando Asenate ouviu essas palavras, seus joelhos começaram a tremer, seu coração encolheu-se e se enterrou em seu peito. Ela suspirou, deu um gemido, e olhando José com dor, seus olhos se encheram de lágrimas. José percebeu o que estava acontecendo. A piedade preencheu seu coração e ele pousou amigavelmente sua mão sobre a fronte de Asenate, dizendo:

"Ó Deus de meus pais, que dás vida e luz a todas as criaturas, abençoa esta jovem e considera-a como pertencendo ao teu povo, o povo eleito desde a fundação do mundo. Possa ela encontrar tua paz eterna e surgir pura e santificada aos teus olhos".

A bênção de José iluminou o rosto de Asenate e secou suas lágrimas. Ela lhe agradeceu plena de alegria e, após

tê-lo saudado, retornou ao seu quarto na torre. Lá, ela jogou-se em seu divã, diante da janela, fraca e trêmula de alegria, de tristeza, de angústia e de pesar.

Ah, como ela havia falado de José! Como ela manchara o seu nome! Como ela o tratara de fugitivo, de condenado que deveria fazer penitência numa cela, de simples vidente que interpreta sonhos. E como ele a havia repelido porque ela adorava os ídolos e como, em seguida, ele a havia perdoado e abençoado – ela, a última sobre a terra para merecer isso! Mas ela logo se recompôs, ergueu-se apertando os dentes, os olhos secos, cheios de fogo e de chamas. Correu para a parede de seu quarto, agarrou um ídolo e o jogou pela janela. Ela viu a imagem cair e quebrar-se em pedaços nas pedras do pátio

"A fé de José é a fé de minha mãe" grita ela, *"e a fé de minha mãe será a minha fé!"*

Quando José acabou de carregar o trigo e estava na hora de partir, Putifar suplicou-lhe para ficar ainda aquela noite a fim de prosseguir sua viagem na manhã seguinte. Mas José lhe respondeu:

"Isso não me é possível. Devo ainda percorrer o país durante sete dias, mas no oitavo dia voltarei para aceitar tua hospitalidade".

José partiu, pois, com seu séquito e atravessou as portas do palácio sem erguer os olhos para a janela da torre; Asenate também não o viu partir.

❦

Durante sete dias o sol se ergueu e declinou. Neste tempo todo Asenate chorou, não comeu e nem bebeu. Suas jovens companheiras não conseguiam consolá-la. O sono fugia dela.

"Infeliz de mim", gritava batendo no peito, *"que falei mal dele! Para onde posso ir para fugir de meu pesar? Desgraça para mim, infeliz, que caluniei o filho mais glorioso do céu! Ah, que meu pai me dê a ele como escrava ou como serva: eu o servirei eternamente!"*

Na noite do sétimo dia ela levantou-se, passou entre suas companheiras que dormiam, e foi até a escada da torre. Desceu e saiu do palácio pela grande porta pois o guardião estava, ele também, profundamente adormecido. Sem acordá-lo, ela correu até ele, pegou a pele de animal com a qual ele estava coberto, procurou um monte de carvão que havia sido queimado num canto longe do pátio, encheu de cinza a pele do animal e voltou para a torre. Ela entrou em seu quarto, trancou a porta, colocou a pele com as cinzas perto da janela e deitou-se. Chorou de novo, e sua voz se partiu quando ela gritou:

"Agora repudio os deuses do Egito. Mudo o rumo de meu coração e purifico os lábios com os quais ele disse que eu adorava os deuses".

Após ter chorado e gemido, cheia de arrependimento, no momento que a estrela da manhã, como uma lâmpada suspensa no céu e protegida do vento, brilhou, clara, cintilante, ela ergueu sua alma para a estrela, esta porta luminosa onde a absolvição a aguardava. E eis que, de repente o céu se abriu e uma luz maravilhosa jorrou sobre ela. Assim que ela a viu, olhou para as cinzas. Então, um homem desceu do céu, inclinou-se para ela e chamou-a pelo seu nome: *"Asenate, Asenate!"* E sua voz era como o murmúrio dos quatro rios que fluem do paraíso.

"Ó meu senhor, quem és?", diz ela, sempre olhando para as cinzas.

"Ela tinha ao seu redor sete moças cuja beleza era eclipsada pela dela". Ilustração Rie Cramer.

"Eu sou o príncipe e o chefe dos exércitos do Senhor. Levanta e fica diante de mim, pois preciso falar-te".

Quando Asenate ergueu a cabeça para olhar o visitante, ela viu um anjo de luz que tinha a forma e os traços de José. Ele estava revestido com um manto de púrpura deslumbrante, carregava uma coroa de ouro sobre a fronte e trazia em sua mão o cetro real. Tomada de angústia, ela caiu com o rosto nas cinzas, mas o radiante filho de Deus ergueu-a para consolá-la.

❦

"Ergue teu coração, Asenate, virgem pura, pois teu nome está inscrito no Livro da Vida e não será mais apagado por toda eternidade. Tua súplica chegou até o Altíssimo, como a prece de uma filha chega a seu pai pleno de amor. Ele ordenou hoje que sejas dada como esposa a José. Levanta pois e põe novas vestimentas. Tira o cilício que rodeia teus rins, sacode as cinzas de teu rosto e adorna-te com linho precioso e com todas as jóias que convêm à esposa de um rei. Vai! E quando voltares, me encontrarás aqui, sozinho, com a condição de que voltes sozinha".

Asenate foi para seu quarto, acordou suas jovens companheiras e pediu-lhes para reunir os tecidos mais preciosos e as jóias mais cintilantes, dignas da esposa de um rei. Ela nada disse sobre o anjo, e todas estavam muito surpresas. Entretanto Ashtar percebia nos olhos de sua senhora uma luz que ela quase compreendia.

"Não, Ashtar", disse Asenate enquanto as mãos zelosas da jovem cumpriam sua tarefa, *"não estás enfeitiçada. Sim, a voz me alcançou, não o vês?"*

"Sim, senhora bem amada, eu o vejo, eu o vejo muito bem!"

Elas se entreolharam e as lágrimas de alegria brotaram dos olhos de Ashtar. Finalmente Asenate ficou pronta e adornada como a esposa de um futuro rei. Seus cabelos trançados formavam uma longa trança sobre seus ombros e uma tiara de ouro cintilante de pedras preciosas cingia sua fronte. Fitas douradas ornavam seus braços, uma echarpe vermelha cingia seus quadris; as rodas de sua saia brilhavam com mil rubis e diamantes, mas o mais belo de tudo era o longo véu transparente, que lhe caía dos ombros até o chão. Quando Asenate retornou para o anjo, ela estava de uma beleza indescritível, tal como a Via Láctea plena de estrelas cintilantes e de sóis com brilho de diamante, e carregava uma flor branca como sinal de pureza. Quando ela entrou, sozinha, no quarto, o anjo estava diante da janela. Ele fechou a porta por detrás dela.

❦

"Meu Senhor", disse ela enquanto se ajoelhava humildemente, *"se obtive teu favor, peço-te que aceites esta flor, pois sabes o que ela significa. Ela é tão branca e sem manchas como eu, e seu coração é de ouro, como o meu. Eu te peço que a aceites e a plantes no Paraíso a fim de que ela não murche jamais".*

O anjo sorriu, tomou a flor e a colocou na cintura:

"Esta flor não murchará", disse ele, *"ela continuará florindo mesmo depois que todas as criaturas tenham perecido. Quando encontrares a Árvore da Vida, lá tu a encontrarás. Talvez a encontres até mesmo aqui".*

Asenate ponderou estas palavras em seu coração e pediu-lhe para sentar-se na cadeira onde nenhum homem jamais tinha sentado. Então ela lhe disse:

"Meu Senhor, vou lhe trazer o que comer. O que desejas?"

"Um favo de mel", respondeu ele.

"Pobre de mim: um favo de mel, eu não tenho!" Ela estava cheia de pesar.

"Desce à adega. Lá, encontrarás um favo de mel".

Muito espantada, ela desceu. E lá encontrou, com efeito, um favo de mel: branco como a neve e tão perfumado como as flores das colinas e das planícies. Ela retornou e disse:

"Meu Senhor, o favo de mel estava na adega como disseste, e seu perfume é semelhante ao que exala da tua presença!"

"Abençoada sejas", disse o anjo que pousou sua mão com ternura sobre a cabeça de Asenate, *"pois rejeitaste teus ídolos e te voltaste para o Deus vivente. Vieste a mim plena de penitência e agora vais comer desse favo de mel confeccionado pelas abelhas de Deus que o colheram das rosas vermelhas do Éden. É o alimento dos anjos e de todos aqueles que jamais morrerão".*

Ele tomou um pedaço do favo e levou-o aos lábios de Asenate, dizendo:

"Come! Manterás tua juventude, tua beleza não fenecerá, teus seios não secarão e surgirás enfim com tua eterna juventude diante do Trono de Deus".

Asenate tomou do mel e imediatamente seu rosto irradiou a claridade do céu. O anjo tocou o favo de mel quebrado que imediatamente tornou-se novamente inteiro. Ele levantou-se e, com seu dedo, traçou uma primeira linha do leste para o oeste e uma segunda do norte para o sul. Essas linhas tornaram-se vermelhas como o sangue que foi vertido sobre a cruz erguida sobre as fundações do mundo. Ase-

nate viu, então, que do favo de mel escorria uma multidão de abelhas com asas purpúreas. Elas formaram um enxame ao redor dela, depois voaram rapidamente para os jardins do Paraíso e voltaram para depositar sobre seu peito um favo de mel branco como a neve.

"Este será o sinal do amor eterno para ti", disse o anjo.

Em seguida, ele ordenou às abelhas que voassem para o Éden, no Oriente. Ele pousou suas mãos sobre o favo de mel, que foi consumido imediatamente pelo fogo. O perfume da união do mel e do fogo encheu as narinas e inebriou os sentidos de Asenate. Todas as sua ligações com a vida terrestre foram rompidas. Ela ergueu seus braços para o céu e caiu sobre seu divã como uma alma gloriosa que morre diante das Portas do Paraíso.

❦

Logo que a alvorada surgiu, o anjo se apressou em partir rumo ao Oriente. O sol surgiu, anunciando o oitavo dia desde a partida de José. Um cortejo aproximou-se das portas do palácio.

"Ei! Abram as portas!"

As portas se abrem amplamente e opera-se grande atividade. Um homem brilhante como o sol entra a cavalo. Na cintura, ele traz uma flor branca com um coração de ouro. Sua escolta é igual à de um rei. É José! Um sonho o persegue: ele ergue os olhos para a janela da torre – mas não vê o belo rosto que esperava. Então, o amor o impulsiona e ele sobe a escada. Ele, que é um homem que tem todo o poder para comandar. Onde está ela? Onde? Um leve toque tira Asenate do esquecimento. Quem está se inclinando sobre ela? O anjo? Sim! A flor continua em sua cintura. Mas como pode ser? Alguma coisa não está normal... No entanto, seus lábios se apertam contra os dela, e ele a aperta contra seu coração, num selvagem abraço...

"Asenate, minha esposa!"

"Enquanto seus corações estão a mil milhas de distância!"

Thomas Münzer, uma voz que clama no deserto

Dá-se o nome de "Reforma" à renovação religiosa que se seguiu à Renascença. Além disso, a palavra "renascença" é também um conceito religioso que se refere ao renascimento do homem original. As palavras latinas "renatus" e "renata" significam "aquele que é renovado pelos Mistérios", ou seja: "nascido de novo". A Reforma voltava-se para a "reformatio", a restauração da forma original da alma divina, e Thomas Münzer se considerava um servidor dessa "reformatio".

Na Europa Central, a onipotência da Igreja começou a ser quebrada pelo surgimento da religião protestante fundada por Martinho Lutero (1483-1546), pois o impulso da Reforma não se dirigia somente aos "eruditos da Europa", mas a todos em geral e a cada um em particular. Grandes grupos da população européia – a sua maior parte ainda sob o jugo da servidão – viram-se subitamente confrontados com a dignidade e os direitos do homem. Como os privilégios eram reservados ao rei, à nobreza e ao clero, o povo se voltou contra essa classe social superior que normalmente a explorava. Aliás, essa exploração foi uma conseqüência do sistema feudal que se baseava na opressão.

Após o término de negociações pacíficas sem resultado, eclodiu na Alemanha, em 1476, a pretensa guerra dos camponeses e dos burgueses, acontecimentos que se estenderam até a Suíça, a Áustria e os Países-Baixos, e que só findaram em 1535. Essas revoltas camponesas surgiram como conseqüência da condição de vida lamentável e de extrema penúria em que viviam os camponeses europeus, condição de vida inimaginável e que poderia parecer uma visão terrível para os habitantes dos países industrializados de agora. Como não podia deixar de ser, o povo se revoltou antecipando mudanças e por estar seguro de novas perspectivas e da liberdade espiritual que estava por vir. Transformações radicais e profundas eram necessárias em todos os níveis de vida. Porém, sob o ponto de vista social, os resultados foram um tanto pobres. A classe reinante sabia manter sua posição e, quando queria, podia apertar o torniquete mais uma vez.

Thomas Münzer e Martinho Lutero, de um lado, e Michel Servet e João Calvino, de outro, representam as duas correntes nas quais a Reforma se desenvolveu. Por intermédio de Lutero, o Eleitor de Thüringen esperava atingir o Império dos Habsburgos e realizar sua própria independência. Lutero e o Eleitor trabalharam de mãos dadas e graças a esse acordo político, a Reforma de Lutero foi estabelecida como uma religião protestante em oposição ao papa da Igreja católica de Roma. Por serem veementes denunciadores dessas manobras políticas, Thomas Münzer e Michel Servet foram executados. Lutero e Calvino apoiaram estas execuções.

Um despertar enérgico do povo

Lutero usou o holandês medieval (do qual foram derivados o holandês e

o alemão), em oposição ao latim da Igreja, para fazer com que seus adeptos conhecessem a Bíblia e Münzer utilizou a mesma língua para sacudir e despertar o povo. De seus escritos emana uma força vivente que desperta e faz surgir emoções intensas. Sua linguagem toca diretamente o coração. Seus textos não podem ser traduzidos para o alemão moderno sem perder algo de sua força. Suas palavras dão testemunho de processos interiores tremendos e de um agudo poder de discernimento. Ele descreve as relações e temperamentos humanos com o mesmo realismo que Jacob Boehme.

Thomas Münzer era padre e professor. Muito culto, ele falava fluentemente grego e hebraico e conhecia profundamente a Bíblia e o Alcorão. Ele curava os doentes e era um defensor da ciência de seu tempo. Apesar de Thomas Münzer ir a Wittenberg para falar com Lutero, não era um de seus discípulos. Ele pensou que iria encontrar em Lutero uma alma com as mesmas disposições que a sua. Porém, seu anfitrião o qualificou de "lunático" em seu próprio círculo de amigos e logo se distanciou de Münzer. Depois que Lutero e seus partidários foram excomungados pelo papa, Münzer, também banido, encontrou refúgio em um claustro em Erfurt, onde foi encarregado de ensinar latim aos monges. Em seguida, juntou-se aos seus irmãos da Boêmia, em Praga. Lá, encontrou-se com alguns seguidores de João Hus, que foi levado à fogueira pelo Concílio de 1415. Com a execução de seu líder, os Hussitas perderam grande parte de sua força de inspiração. Em seu *Manifesto de Praga*, Münzer escreveu em 1523: *"Tanto os sábios doutores quanto o homem de Wittenberg ensinam que as letras gravadas no papel são sagradas. E eles veneram a palavra enquanto palavra. Porém, eu digo que Deus não escreveu com tinta, mas com seus dedos viventes, a única linguagem santa – e disto a Bíblia exterior também dá testemunho. E não há testemunho mais verdadeiro que o da Bíblia, pois é a palavra vivente de Deus, do Pai, que o Filho que reside no coração dos homens pronuncia. Ai dos pregadores, que pronunciam essas palavras apenas com a boca, enquanto seus corações estão a mil milhas do caminho! Oh, como os frutos estão maduros! O tempo da colheita chegou. Por isso, Deus chamou-me para a Sua colheita. Eu amolei minha foice,*

Segundo Walter Nigg, Thomas Münzer era *"uma papoula vermelha sobre o solo pedregoso do cristianismo"*.

A virtude consiste em atos. A preguiça do preguiçoso é tão grande que o capacete da virtude caiu durante seu sono. Otto van Veen, 1607.

porque agora se trata de lutar pela verdade. O povo deve aprender por si mesmo a palavra vivente de Deus pela boca de Deus. E assim cada um verá, ouvirá e compreenderá como o mundo inteiro está sendo enganado pelo pregador estéril".

"Eu sou um cavaleiro de Deus, exatamente como vós"

Thomas Münzer buscava o Espírito divino e não se importava com problemas pessoais. Essa atitude determinou sua vida inteira, o que não estava ao alcance do teórico nem do homem comum. Por isso, já em seu tempo, recebeu o rótulo de *"socialista revolucionário"*. Para esse devotado mensageiro de Deus não havia caminho nem longo nem árduo. Ele apenas cedia à pressão exterior de procurar um novo campo de trabalho. Durante sua peregrinação pela Turíngia, Saxônia, Suábia e França, e até mesmo pela Áustria e pelo Tirol, ele procurou por aqueles que quisessem ouvi-lo.

Em 1523, tornou-se pastor em Allstedt e pela primeira vez começou a pronunciar seus sermões em linguagem popular. As próprias cantigas que ele escreveu ainda hoje trazem a menção: "autor desconhecido". É ao povo que ele se dirige porque *"O serviço a Deus não é somente para uma pessoa, mas deve ser realizado para toda a comunidade. Em um serviço a Deus é preciso encorajar as pessoas a se entregarem à Palavra de Deus, a romperem todas as ligações impróprias e a darem-se por inteiro a Deus"*. Em Allstedt ele se casou com Ottília von Gersen, uma religiosa que havia abandonado o hábito. Mas nem agora as autoridades o deixaram em paz. O Conde Ernst von Mansfeld, católico fervoroso, proibiu seus súditos de freqüentarem os serviços de Thomas Münzer. Ele escreveu ao conde que *"ele, Mansfeld, quer ser mais temido que Deus, faz-se passar por Cristo e ao mesmo tempo contesta a supremacia de Deus sobre o homem. Por isso eu devo me opor ao conde e advertilo: 'Eu sou um cavaleiro de Deus exatamente como vós. Por isso, cuidai da quietude e da paz, mas não vos enchais de orgulho, pois vosso velho manto ainda um dia se rasgará'..."*

Em 1524, Münzer publica três livros importantes. No primeiro, *A Propósito da Fé Ponderada*, ele escreve: *"Quem não quiser provar a amargura de Cristo morrerá do mel com o qual se farta. Cristo é a pedra angular. Como nós o tratamos, assim também seremos tratados, para que nos desenvolvamos até a verdadeira construção da vida. Pois quem não morrer com Cristo não ressuscitará com ele. Pois, como alguém poderá ter parte na Vida se não abandonar seu velho manto?"*

Desmascaramento público da falsa fé

Seu segundo livro foi intitulado *Revelação e Apresentação, Ensinamento Relativo ao Início da Verdadeira Fé Cristã.* Nesse pequeno livro ele expõe sua doutrina e contesta a acusação do povo de Wittenberg de "não passar de um forasteiro". Ao mesmo tempo, ele defende sua doutrina diante do conde, que quer fazê-lo passar por herético. O terceiro volume traz na página de rosto:

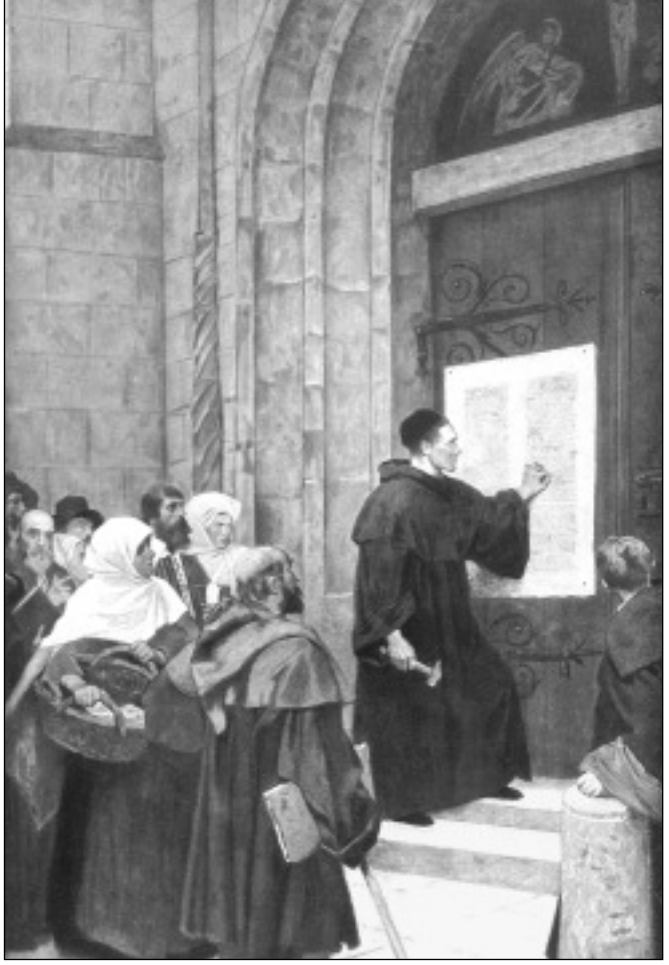
Desmascaramento público da falsa fé;
do mundo infiel
com base no testemunho do
Evangelho de Lucas;
da miserável e lastimável cristandade
para fazê-la lembrar de seus enganos

Münzer escreveu ali: *"Descobre-se a incredulidade quando se aceita a fé; ou quando se atravessa em sofrimento o abismo onde vive a alma. Paulo disse: 'vós tendes de aceitar Cristo', porém, aquele que não passou pelo mais profundo do ser não conhece a fé. Pois sua fé sem obras se agarra firmemente a seu espírito empedernido, como um verdadeiro velho manto de mendigo que é habilmente remendado por escribas infiéis com um velho trapo, como disse Lucas (5:36). Trata-se então agora de seguir sofrendo a paixão de Cristo. Ele liberta o homem de seu apego à forma e lhe mostra Deus, o qual preenche com Sua presença a alma que se tornou como um ovo vazio. Por isso tu deves, ó homem comum, desenvolver-te a ti mesmo para não seres mais enganado".*

Quem é rico? Aquele que não cobiça nada. A sabedoria estóica rejeita o luxo, o prazer, o poder, a honra e o lucro. Otto van Veen, 1607.

Esta última frase caracteriza o empenho de Thomas Münzer. Ele esforçou-se por despertar a faculdade do discernimento, por sacudir os homens para despertá-los, a fim de que não seguissem mais as autoridades como carneiros levados ao sacrifício, mas que libertassem em si mesmos sua própria autoridade. A teologia de Lutero, por outro lado, orientava-se pelo Cristo histórico transmitido pela Bíblia, enquanto Münzer conhecia a atividade de Cristo por experiência interior. *"Eu prego uma fé em Cristo que não corresponde com a fé de Lutero, mas que é a mesma que está no coração de todos os eleitos sobre a terra".*

Muitas vezes Münzer convocou Lutero para um debate público, mas este nunca deu resposta e enviou uma carta aos príncipes da Saxônia sobre seu espírito rebelde. Nessa carta difamatória, ele se vira contra Münzer e as atividades dos camponeses que se mantinham atrás de seu líder. Apesar disso, Münzer foi uma vez convidado ao castelo de Allstedt para pregar para o príncipe e sua comitiva. Nesse assim denominado "sermão principesco" ele comentou o 2º capítulo do Livro do profeta Daniel onde este interpreta o



Martinho Lutero pendura suas proposições na porta da igreja do Castelo de Wittenberg. Pintura de Hugo Vogel, por volta de 1930.

sonho do rei Nabucodonosor. Assim Münzer tentou lembrar aos governantes suas responsabilidades em relação ao povo e à tarefa que sua posição envolve.

Thomas Münzer estabeleceu também entre os habitantes de Allstedt uma comunidade de ajuda mútua, de maneira a aliviar ao máximo a terrível miséria reinante na cidade, conforme a concepção cristã original.

"Contra a carne vazia de espírito e de vida fácil..."

Em seguida, ele teve que sair de Allstedt e dirigiu-se a Mühlhausen. À carta de Lutero ele respondeu nos seguintes termos: *"Contra a carne vazia de espírito e de vida fácil em Wittenberg, que, pelo roubo de textos santos e seu uso iníquo, lastimavelmente maculou a cristandade – que tem tanta necessidade de piedade"*. Em 1525, ele foi nomeado pastor em Mühlhausen. Mas antes, ele ainda fez uma visita aos camponeses revoltosos numa província ao norte do Reno. Lutero voltou-se contra os camponeses e fez imprimir um livreto intitulado: *Contra a corja dos camponeses ladrões e assassinos.*

Sete mil camponeses se reuniram às portas de Frankenhausen. Münzer deixou Mühlhausen com trezentos homens e alguns canhões para juntar-se ao exército dos camponeses. Ele não foi lá para incitá-los a combater, mas para colocar-se a seu lado como pastor. Seu lugar era junto ao povo. Os camponeses não tinham líder e pediram a Münzer que negociasse, em nome deles, com os príncipes que haviam concentrado suas forças armadas ao redor de Frankenhausen.

Contudo, suas cartas alcançaram apenas uma trégua. Mas, quando os camponeses entoaram um canto de Pentecostes escrito por Thomas Münzer, os príncipes quebraram o acordo de trégua e atacaram os camponeses. Os camponeses tentaram fugir para a cidade mas foram passados a fio de espada. Münzer foi preso e conduzido ao castelo do conde, onde sofreu tortura. Pretensamente, em nome de Münzer, o conde mandou uma carta aos burgueses de Mühlhausen para agitá-los até a rendição da cidade.

Em 17 de maio de 1525, Thomas Münzer foi decapitado junto com o círculo de seus amigos íntimos. Mais tarde, em suas *Conversas em Volta da Mesa* Lutero declarou: *"Eu deixei Münzer ser executado. Sua morte é um peso para mim. Mas eu tive que fazê-lo, porque ele queria Cristo morto"*.

O teatro contemporâneo e a formação da consciência

As estrebarias de Áugias: uma adaptação moderna para teatro, de Friedrich Dürrenmatt

O dramaturgo alemão Friedrich Dürrenmatt transpôs para a nossa época os doze trabalhos de Hércules da mitologia grega em sua peça: "As estrebarias de Áugias". A partir dela, o espectador é levado a descobrir duas facetas do ser humano e a indagar-se por que ele é feito deste modo. De um lado, há o homem exterior com seus esquemas de comportamento; do outro, há o homem superior. Tomar consciência destes dois aspectos exige uma pesquisa profunda do "porquê" e do "como" da existência.

Dürrenmatt dá a Hércules uma espécie de gerente, Políbio, que administra seus bens e sua casa. Não é uma tarefa fácil, pois inúmeros credores perseguem Hércules e ele, por sua vez, trabalha pela purificação moral e espiritual de sua pátria. Dürrenmatt transporta seus espectadores para a Élida, país do rei Áugias. O rei declara: *"Nosso país cheira tão mal que é quase insuportável. Estamos nos afogando em nossas imundícies"*. Um deputado acrescenta: *"E, no entanto, somos o país mais velho da Europa!"* Um habitante declara: *"Parece que há países em que o estrume não se amontoa tão alto como aqui entre nós"*. Um outro observa: *"A maior parte chega até o templo! Não há nada mais feio de se ver"*. Alguém responde, depois de refletir: *"Os templos já não oferecem nenhuma proteção contra as impurezas. A única coisa a fazer é uma limpeza profunda"*.

"Quanto mais o homem é metódico, mais o acaso o atinge como um curto-circuito",

declara Friedrich Dürrenmatt.

Este pintor e escritor (1920-1990) tentou resolver durante toda a sua vida o conflito interior inerente ao ser humano. Um de seus amigos disse: "Ele sofria como um cão com a imperfeição do mundo: tanto, que acabou se voltando contra os homens". Como "habitante da fronteira", Dürrenmatt não deixou de se engajar no conflito entre a compreensão e o impulso espiritual, sem encontrar saída para isto. Obrigações superficiais não fizeram com que ele se desviasse e ele não cobiçava nenhum sucesso fácil e duvidoso.

É evidente que ele quer nos sacudir para nos despertar. Ele viu que era preferível terminar suas peças naquele momento dramático em que já não há nenhuma solução possível. E ele tentou evocar a espiritualidade conscientemente para descobrir uma solução de nível mais elevado: assim, ele arrasta os espectadores até uma fronteira que, sem dúvida, eles jamais teriam alcançado. Ora, nessa fronteira, é preciso forçar a passagem! E para criar condições como estas, Dürrenmatt situa temas clássicos no contexto do mundo contemporâneo, com a problemática que lhes é própria.

Hermes, o mensageiro dos deuses, carrega o pequeno Hércules em seus braços. Ânfora de Atenas, por volta de 530 a.C.

As pessoas presentes balançam a cabeça afirmativamente. Elas concordam plenamente. O país deve passar por uma limpeza profunda, radicalmente. Uma limpeza radical! É preciso simplesmente começar esta limpeza! O rei Áugias retruca: *"Tudo isto não passa de belas palavras. Mas se nós mesmos começarmos a fazer esta limpeza, nós ficaremos com as mãos cheias de sujeira e não poderemos fazer outras coisas. Proponho que chamemos o herói grego Hércules, o faxineiro mais célebre da Grécia, para fazer essa limpeza!"* Então, Áugias decide pedir a Hércules que o ajude a resolver este problema espinhoso e muito especial. Ele faz contato com Políbio, que acha que esta missão é muito vil e degradante. Apesar disso, Políbio fala sobre isto com Djanira, a esposa de Hércules, e lhe explica que esta limpeza po-

de trazer muito dinheiro e aliviar as dívidas de seu marido. Diz que Áugias reina sobre súditos camponeses e só sabe contar até três, mas que Hércules pode conseguir um belo salário se o rei enfileirar muitas moedas em pilhas de três. Hércules fica perplexo: *"É verdade que temos dívidas. Mas será que para isso eu preciso jogar o lixo fora? Pensa um pouco no que estás me pedindo: que eu tenho que ir limpar o país de um homem que mal consegue contar até três! Não, isto não é possível".*

Neste meio tempo, a opinião pública de Élida desperta. As pessoas já contam com o consentimento de Hércules. Por toda parte, neste país onde montanhas de imundícies se elevam até o céu e onde os templos estão no meio do estrume, já se canta: *"O salvador está chegando!"* E, quando Hércules se deixa convencer, por causa de suas dívidas e por causa da lastimável podridão de Élida, ele é recebido por um coro de crianças que soltam suas vozes alegremente: *"Por todo canto o lixo fede, mas o nosso salvador chegou"*. Um eminente representante o recebe com um forcado de ouro na mão. Por toda parte se percebem pilhas de imundícies e todo mundo canta: *"Vamos jogar o lixo fora!"* As pessoas se acotovelam para receber Hércules. Somente o rei Áugias está ausente. E Dürrenmatt propõe a questão: *"Será que Áugias teria abandonado seu 'banquinho de tirar leite', feito de prata maciça? Isto é: será que ele ainda está agarrado à riqueza, ao nepotismo, as empreitadas lucrativas que até agora haviam determinado sua vida?"*

Hércules é acolhido sucessivamente por deputados, por federações dos grupos de interesse e por um grande número de pessoas importantes. Todos tentam pressioná-lo bastante, mas ele fixa sua atenção no grasnar de todos os corvos gorduchos que reviram o estrume e que mal conseguem alçar vôo. Quando o sol se põe na Élida, as enormes pilhas de estrume resplandecem ao longe e Hércules chega a achar o espetáculo até romântico. Fileu, filho de Áugias, lhe serve de guia entre as imundícies. Hércules calça as botas e atravessa regiões que nunca haviam sido exploradas até então.

Em sua viagem, Hércules tem uma idéia genial: desviar dois grandes rios para que estes atravessem a Élida. Os representantes do povo mostram sua admiração, mas informam que, antes de empreender um projeto como este, é preciso obter a autorização do Ministério dos Negócios Hidráulicos. Mais uma vez Djanira toma parte ativa no problema. Ela explica a Fileu, filho de Áugias, que ela é descendente de Tebas, a magnífica cidade das sete torres, e que esta cidade foi arrancada da cega e cruel crosta terrestre por meio de esforços dirigidos conscientemente e através de constante dedicação. Fileu fica encantado, mas a Élida não é capaz de tamanha diligência. Ele diz: *"Faz muito tempo que já não governamos o país. Se Hércules limpá-lo, logo ficará soterrado pelo lixo, em pouco tempo!"*

Não é sem razão que Políbio desconfia da astúcia de Áugias. Enquanto este último impõe sutilmente suas decisões aos grupos de interesse, parece na verdade que ele está preparando uma espécie de "nó górdio". Ele age

Hércules combatendo Gerião, um monstro com três corpos. Vaso de Exekias, século VI a.C.

como se estivesse acima dos partidos e dá a palavra a Penteu, que trabalha nos chiqueiros. Este afirma: "*É claro que é preciso fazer uma limpeza. Mas é meu dever adverti-los a respeito dos riscos de uma empreitada como esta, pois debaixo de nossos detritos repousam nossos tesouros culturais e objetos preciosos. Quando a limpeza for feita, estes tesouros podem ser danificados ou até podem ser levados pela correnteza*". Depois é a vez de Pathmos, que trabalha na fábrica de queijos, dizer: "*Não acredito que temos tesouros e objetos sagrados. Isto não passa de superstição e de fantasmagoria. Mas, se mandarmos limpar o nosso país, veremos com grande espanto que todas as nossas ilusões se dissiparão. E isto seria uma grande infelicidade. É preferível não limpá-lo e guardar a nossa crença nas coisas sagradas*". Depois dele, muitos outros tomaram a palavra e deram sua opinião por sua vez, a fim de encontrar uma solução. Umas após outras, foram constituídas comissões competentes. A assembléia terminou com estas palavras: "*Vamos pedir uma comissão, vamos pedir mil, mas não vamos perder a coragem. Na Élida, nunca é tarde. Pelo contrário: sempre é cedo demais*".

É INSUPORTÁVEL DESMASCARAR O PRÓPRIO MUNDO

Dürrenmatt mostra que ter de desmascarar nosso pequeno mundo é insuportável. Ele esboça as diferentes manobras de dispersão que fazemos para evitar isto. O único resultado tangível não é mencionado, mas ninguém o percebe. O caminho para a saída do monte de estrume da Élida não é para amanhã!

Hércules fica indignado com a multidão de comissões. Para ele isto é uma catástrofe. As idéias inúteis não têm fim e ele fica inquieto quanto a sua futura remuneração. Está na hora de ele se preocupar. Neste momento, chega Tântalo, o diretor do circo, que

tem enormes dificuldades de dinheiro. Ele conta a Hércules que sua casa foi arrematada em leilão diante dele. Para ajudar o herói financeiramente, ele lhe propõe um acordo inédito: Hércules ganhará 500 dracmas por noite para se apresentar em público e fazer uma reverência. Hércules protesta: *"Só porque precisamos de dinheiro eu vou precisar me inclinar humildemente na frente da multidão? Eu, o herói da Grécia, terei de me rebaixar diante do público?"* Mas, não vendo nenhuma saída, ele faz a reverência. Quanto ao salário, ele fica por conta da ajuda de custo, pois o diretor revela que todos os espectadores têm entrada gratuita. Desesperado, ele não vê como pode melhorar sua situação. Ele acaba alugando seu passe para o circo como boxeador e halterofilista: a coisa vai de mal a pior! Ele esbanja o que há de melhor em suas forças por falta de inteligência e reflexão. A energia de Hércules vai sendo utilizada a torto e a direito, mas não para limpar a cidade – o que era a única coisa que deveria ser feita!

"Aqui, ninguém mais precisa de mim"

Enquanto isso, o conselho da Grécia conclama seus membros a se reunirem. A Arcádia, que é célebre por seu turismo, sofre forte concorrência de Tebas. Esparta teme por seus concidadãos, por causa da crise de limpeza que é muito séria no país de Áugias. Este desejo de limpeza cria agitação e isto não é desejável. Para terminar, Hércules suspira, desiludido: *"Estou no final de minhas forças!"* Tudo o que o rodeia começa a deprimi-lo. É então que chega de repente o anúncio de uma nova missão. O rei Estínfalo, que somente sabe contar até dois, tem necessidade absoluta de Hércules para livrar suas terras de um bando de pássaros horríveis que fazem mais sujeira do que todos os animais da Élida. Hércules responde: *"Estou pronto. Aqui, ninguém mais precisa de mim"*. Quando é noite alta, ele parte com seus companheiros para o reino de Estínfalo, onde a situação é pior ainda do que na Élida. Na manhã do dia seguinte, Fileu procura Hércules, em vão. A casa dele está vazia. Que pena! Afinal, ele vinha lhe anunciar que o Ministério dos Negócios Hidráulicos ia provavelmente dar a autorização para desviar os rios.

Áugias ficou aliviado por Hércules ter partido discretamente. Ele consola seu filho: *"Hércules é a chance que passa uma vez, mas volta"*. E continua: *"A verdadeira democracia na Élida pode ser perigosa. As pessoas já ficam enlouquecidas quando alguém tem a coragem de limpar a casa!"* Áugias está com medo. Ele prefere continuar sendo o rei de seu monte de estrume. *"Vem, vou mostrar-te uma coisa"*. E ele leva seu filho até o jardim que fica atrás da casa. *"Aí está meu belo jardinzinho com flores e uma terra fértil, que eu consegui com o estrume. Meu filho, sou um homem político, não um herói. Vou te dar um bom conselho: tenha coragem para continuar a viver na imundície de Élida. Eis a tarefa heróica que eu coloco sobre teus ombros!"*

A MUDANÇA FICA SEMPRE PARA AMANHÃ

Eis como termina esta peça de Dürrenmatt. No final, ele leva os espectadores ao suplício, diante de uma situação sem saída, diante dos acontecimentos do mundo que seguem um curso imutável, pelo menos enquanto a consciência humana não estiver desenvolvida o bastante para buscar outras soluções. Aparentemente, Dürrenmatt quer despertar energicamente a sociedade adormecida, denunciando certas situações políticas e sociais. Mas outras associações de idéias vão se impondo sobre o espectador, quer ele queira ou não.

- Primeiramente, porque é difícil adquirir a autoconsciência! Todos os tipos de mecanismo de fuga e de sobrevida, estabelecidos há milênios, criam obstáculos para a compreensão.
- Segundo, porque a maioria dos homens não está preparada para levar a sério a mudança fundamental. Eles não percebem a dimensão espiritual. Quem conhece o mundo sabe que quem determina o poder são os critérios do mundo. Para ficar mais fácil, Áugias (o "eu"), quer reinar em seus domínios onde

Hércules e Hermes fazem Cérbero sair dos infernos. Vaso do British Museum, Londres.

nada muda, onde nada deve ser questionado, nem purificado, nem ampliado. As imundícies vão se amontoando em camadas espessas e bem visíveis.

- Em terceiro lugar, todos dispõem de forças latentes, forças nobres que permitiriam tomar um outro caminho. Mas, estas "forças hercúleas" são utilizadas de modo impensado e negligente para coisas completamente diferentes. Isto arrasta a existência cristalizada ao circo de Tântalo, à pista em circuito fechado da vida cotidiana.
- Em quarto lugar, o espectador toma consciência de que é fácil perder a oportunidade de entrar na vida superior, e que neste momento as "forças hercúleas" se retiram, e que assim os poderes superiores têm de esperar um novo ciclo para se manifestarem em circunstâncias ainda mais críticas – por exemplo, as circunstâncias que são simbolizadas pelos pássaros de Estínfalo. Naturalmente, estes poderes superiores não foram criados para serem utilizados no circo!
- Em quinto lugar, chegará a hora em que o joguinho de Áugias vai terminar, e ele haverá de delegar a Hércules a direção das operações que contribuem para o desenvolvimento do homem superior.

Os doze trabalhos de Hércules

O dramaturgo grego Eurípides disse: "Hércules nos libertou deste animal que é o medo". Os gregos afirmam que Hércules era um semideus que Zeus transformou em mortal. Aquilo que chamamos de "Os 12 Trabalhos de Hércules", segundo nos conta a mitologia grega, simboliza o combate contra os doze aspectos que desviam o homem terrestre de sua realização espiritual. Cada vitória representa um passo a mais rumo à divinização do herói.

Ele deve:

1º fazer com que o leão de Neméia saia de sua toca;
2º matar a hidra de Lerna, um monstro de nove cabeças que renascem à medida que vão sendo cortadas;
3º capturar a corça que tem pés de bronze e chifres de ouro;
4º capturar o javali de Erimanto;
5º destruir os pássaros do lago Estínfalo, que têm bicos e garras de cobre;
6º limpar as estrebarias de Áugias;
7º agarrar os cavalos de Diomedes que se nutriam de carne viva;
8º domar o touro branco do rei Minos;
9º arrebatar o cinto de Hipólita, a rainha das Amazonas;
10º levar os bois de Gerião para a Grécia;
11º apoderar-se das maçãs de ouro do jardim das Hespéridas;
12º descer aos infernos, acorrentar o cão Cérbero e levá-lo à luz do dia.

Lúcifer, a Estrela da Manhã

Existem muitas histórias a respeito de Lúcifer e nos perguntamos o que é verdade e o que é lenda. A maior parte das histórias conta a queda da humanidade do seu campo de vida original e faz referência a muitos períodos de desenvolvimento. Outras são histórias mais curtas, como que "flagrantes", e às vezes apresentam contradição umas com as outras. Assim, Lúcifer é descrito como Satã. Mas, na Bíblia, por exemplo, ele aparece como "A Estrela da Manhã".

Uma das lendas conta que, num longínquo passado, Lúcifer, encabeçando um grande número de anjos, havia alcançado um tal grau de conhecimento e de sabedoria que pensou que podia se igualar a Deus. Ele desejou apossar-se do poder, simbolicamente representado por uma coroa ornada com magníficas pedras preciosas. O arcanjo Miguel travou combate contra ele e fez com que a coroa se soltasse de sua cabeça. Uma das pedras preciosas caiu sobre a terra. Segundo essa lenda, essa pedra tornou-se a taça do Graal, da qual os discípulos beberam na véspera da Páscoa, e na qual foi recolhido, em seguida, o sangue de Jesus crucificado quando a lança traspassou seu coração. A partir desse momento, muitas histórias falaram sobre a taça chamada "Santo Graal".

Outra lenda conta que há dezesseis milhões de anos Lúcifer era um planeta denominado Mallona. Sua órbita encontrava-se entre Júpiter e Marte. No *Scientific American* de 9 de setembro de 1972, o professor canadense Michael Ovenden, especialista em astronomia, escreveu que há mais ou menos dezesseis milhões de anos, um planeta circulava entre Marte e Júpiter com uma massa de mais de noventa vezes a da Terra. Ele denominou este planeta Aztex. Segundo ele, esse planeta deve ter se estilhaçado e seus restos movem-se no sistema solar sob a forma de asteróides.

Segundo as lendas, esse planeta teria sido o bem-amado filho do Sol e poderia ter se tornado seu igual. Pela sua grande força luminosa, Lúcifer, o espírito desse planeta, teria adquirido tanto conhecimento e poder que os habitantes de seu planeta adquiriram cada vez mais cultura e técnicas cada vez mais avançadas, a tal ponto que eles conheciam a fissão do átomo e suas aplicações. Mas suas experiências cada vez mais avançadas racharam o planeta e fizeram com que ele explodisse em seguida. O que sobrou dele são as quatro luas: Ceres, Juno, Palas e Vesta que ainda circulam com os numerosos fragmentos de Mallona (Lúcifer) entre Júpiter e Marte.

Lúcifer havia perdido seu corpo planetário. Na metade da época lemuriana, ele instalou-se com seus anjos sobre a terra, da qual fez sua morada. As criaturas viventes foram então separadas em femininas e masculinas. A ligação entre a divindade da origem e a humanidade tornou-se cada vez mais tênue. Por um lado, houve uma perturbação cada vez maior do desenvolvimento previsto originalmente – o que denominamos a queda – e, por outro lado, apareceram ao mesmo

Como Lúcifer, Prometeu roubou a luz do céu para trazê-la aos homens. Jan Cossters, século XVII, Bridgeman Art Library.

tempo novas possibilidades para restabelecer a ligação consciente com o divino.

Enquanto a Bíblia ainda se refere a Lúcifer sob o nome de "Estrela da Manhã", na cultura judaico-cristã ele é denominado Lúcifer – e, após sua queda, ele é chamado de Satã, o tentador. "Satã" é uma palavra hebraica que significa "adversário". Em Isaías, capítulo 14, versículos de 12 a 14, é dito sobre Lúcifer: "*Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, nas extremidades do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo".*

Nessa passagem encontramos algo das antigas lendas. É evidente que Lúcifer escolheu um caminho que se afastava do plano de Deus e que, em seguida, ele "caiu" do céu. A coroa que ele queria carregar para se glorificar lhe foi fatal. Ele poderia ter "caído do céu" sobre um planeta, enquanto que "a estrela da manhã" significaria tanto um planeta quanto uma estrela.

O que é cativante nas lendas é que,

segundo o princípio hermético: *"o que está embaixo é como o que está em cima"*, isso pode ser aplicado ao próprio homem e nesse caso o assunto toma outro significado. O microcosmo, por exemplo, nosso próprio pequeno mundo, possui também seu próprio firmamento, seu céu estrelado, onde se encontrava na origem uma "estrela da manhã", puro reflexo da idéia divina com referência ao ser humano. Portanto, a lenda de Lúcifer se referia a cada um de nós.

Nossa própria estrela da manhã não pôde manter-se em seu domínio de vida original e ligou-se aos domínios inferiores. No mito de Narciso, este se prende a seu próprio reflexo. Textos do mundo inteiro relatam casos em que o homem pensa que pode tornar-se semelhante a Deus. É, aliás, o que sugeriu a serpente (Lúcifer ou Satã) ao primeiro homem! A serpente representa aqui o sistema da medula espinal pelo qual a consciência humana deve se desenvolver. A cabeça da serpente encontra-se na fronte; o fim da cauda, nos ossinhos do cóccix. A medula espinal e o sistema nervoso foram comparados a uma árvore. Segundo a Bíblia, a serpente encontrava-se numa árvore quando falou a Eva. Adão escutou as sugestões de Lúcifer e de seus anjos. Ele tomou consciência de si mesmo, rejeitou a direção de Deus e, sob a conduta dos anjos luciferia-

"O MAL NADA MAIS É QUE O BEM EM SEU VIR A SER".
(MAX HEINDEL)

Assim evidencia-se que o mal é uma força negativa que acabará sendo subjugada quando o homem tiver aprendido a se tornar uma força positiva, querendo o bem e fazendo o bem unicamente pelo bem. Enquanto não realizarmos plenamente esse plano, "o mal estará ligado a nós", como diz Paulo: quando me esforço pelo bem, Satã vem junto de mim, para a necessária fricção, para atender à necessária dualidade. Assim surgiram duas forças em nosso caminho: a do Bem e a do Mal. A força do Mal é como um aguilhão que impulsiona o Bem. Portanto, estamos diante de duas tendências que caracterizam a dualidade: a tendência ao ódio e a tendência ao amor. A esse respeito, o catecismo de Heidelberg diz que, por natureza, o homem é levado a odiar o homem e Deus. Isso é exato, mas Lutero esquece que o homem também tem uma outra natureza, que, naturalmente, ele também é levado a amar e a servir ao homem e a Deus; que, a sua frente, a luz acena para ele e, por detrás dele está o pecado; que nessa encruzilhada encontram-se Lúcifer e Satã, os dois prontos para o servirem. Se seguirmos a tendência inferior, Satã e Lúcifer caminham à nossa frente. Pelos sofrimentos de Satã, através de montanhas de resistências, em meio do pesar e da dor, eles nos conduzem à Luz. Então Lúcifer, a Estrela da Manhã cai do céu, empalidecendo diante da grande luz do Sol divino.

(Het Rozenkruis, setembro de 1936*)*

nos, começou a constituir seu próprio domínio de vida. Essa evolução está confirmada por numerosos escritos gnósticos e de outras filosofias.

Esse distanciamento da direção divina foi também o distanciamento da brilhante Estrela da Manhã original: o plano de desenvolvimento que deveria conduzir à unificação com Deus foi rejeitado. Essa Estrela da Manhã, o eu superior da origem que recebia a luz de Deus, apagou-se sob a influência de Lúcifer e "caiu do céu" sobre a terra. Uma imitação, um eu superior que é um reflexo do mundo não-divino, tomou seu lugar. Todavia, uma possibilidade de desenvolvimento da consciência sempre permaneceu ao alcance do homem caído.

No Novo Testamento, a Estrela da Manhã aparece como símbolo da ressurreição, a manifestação do eu superior original, reflexo do divino. É por isso que no Apocalipse, capítulo 2, versículo 28, é dito: *"E eu lhe darei a estrela da manhã"*, e no capítulo 3, versículo 11: "*Guarda o que tens a fim de que ninguém tome tua coroa"*.

É de se notar que nessas citações encontramos os termos "coroa" e "estrela" como nas lendas. A coroa como símbolo da nova consciência, a consciência divina, pode ser colocada sobre a cabeça quando o eu dá lugar ao ser original que havia perdido seu reino com Lúcifer. Entretanto, enquanto a antiga personalidade ainda viver no microcosmo, a seguinte advertência conservará a sua força: "*Guarda o que tens a fim de que ninguém tome a tua coroa"*.

O que aconteceu com a pedra preciosa que caiu da coroa de Lúcifer? Ela é o símbolo da luz de Cristo que acompanha cada um no caminho do desenvolvimento da nova consciência.

Lúcifer vencido por Miguel. Bronze da fachada da catedral de Coventry, Grã Bretanha.

A filosofia gnóstica atual designa esse "eu superior" como o adversário microcósmico. Todo o decorrer da vida do microcosmo se encontra inscrito nele. Esse depósito, o carma, representa exatamente a aspiração à Luz, ou a oposição à Luz. A oposição à Luz se manifesta na encarnação presente ou nas futuras, até que o ocupante do microcosmo se volte para a Luz.

Essa pedra, assim diz a lenda, se quebrou em inúmeros pedaços e se encontra tanto no coração do homem como no coração do planeta. É o Graal que pode se tornar Santo Graal quando o ser humano voltar a se harmonizar com o plano de Deus. É a forca que pode de novo santificar o ser humano.

Em seguida o céu poderá novamente refletir o plano original da Estrela da Manhã. O poder de Lúcifer é vencido e se dissolve no nada. Um novo Lúcifer surge no céu microcósmico. O mesmo processo acontecerá um dia para a terra, que está também sob a

influência de Lúcifer. A terra será libertada da ignorância e das ilusões com as quais Lúcifer mantém a humanidade prisioneira.

A atividade de Lúcifer na terra é a atividade das almas extraviadas. São elas que lhe deram o seu poder porque elas fazem sistematicamente o que ele sugere. Entretanto, no momento em os seres humanos se tornarem conscientes de sua elevada vocação, escolherão conscientemente o caminho do retorno a Deus. Portanto, Lúcifer também será libertado quando todas as almas extraviadas retornarem à origem divina.

Lúcifer, segundo a filosofia de Intermediarius *

"Um mensageiro enviado do Centro não retornou após ter alcançado a Periferia. Esse ser, concebido como a primeira e mais poderosa criatura de Deus, representa o Pai através de todas as Hierarquias como o servidor representa seu Senhor. É por isso que essa criatura é dotada de um tal poder que ela pode conceber uma imagem dos três princípios divinos, dos três aspectos da Tri-unidade. Esse ser que emana do Pai original como uma estrela brilhante tem a capacidade de se mover livremente entre o Centro e a Periferia e de percorrer os domínios dos Coros Hierárquicos dos anjos. É o primeiro ser que tem consciência da Tri-unidade divina, mesmo que seja sob a forma de um fraco eco [.....]. Ora, ele fez mau uso da liberdade que Deus lhe deu em sinal de confiança e com a qual ele deveria servir seu Senhor e Criador em harmonia com o Plano divino – a tal ponto que opôs o Pai divino ao princípio original que ele possui em si mesmo. Ele dirige sua própria vontade contra a de seu Pai. Ele cria obstáculos para o elemento amor e combate Cristo, o Mediador, manifestando seu próprio amor em lugar do Amor divino, opondo sua própria sabedoria à sabedoria da Mãe original divina. Dessa maneira, ele sai do domínio da Manifestação divina e caminha fora da Luz, fora do reino de Deus: ele penetra no reino desconhecido das Trevas para aí governar, e ele se imagina ser igual a Deus, manifestando a própria trindade do seu ser. A partir desse momento, ele não é mais a primeira criatura de Deus, mas os Filho das Trevas."

* "O caráter simbólico do nome Intermediarius faz compreender que é preciso distinguir entre o autor do livro e o Espírito que fala. As interpretações, a forma das idéias e as imagens intuitivas são do autor, mas a sabedoria esotérica e as considerações relativas aos diferentes arcanos e seus simbolismos emanam das tradições crísticas herméticas inspiradas pelos Mistérios da Ressurreição". Intermediarius, *Universum*, 1ª parte.

O curso fatal do destino da humanidade

Há séculos os homens sondam o universo. Dentro dele, depois de observar o movimento dos astros, eles se outorgaram o lugar central. Os equipamentos espaciais mostram a terra sob a forma de uma esfera azul que vai girando lentamente no espaço, envolvida por brancas tiras de nuvens.

Nas fotos do sistema solar, a terra aparece somente como um ponto, e é sobre essa cabeça de alfinete que milhares de seres lutam noite e dia para garantirem sua vida. Enquanto a terra viaja através dos espaços do universo, seus habitantes são submetidos às leis desses espaços. Entre os campos magnéticos dos corpos celestes e o da terra há uma interação que determina as condições de vida das diferentes regiões terrestres.

Vamos supor que uma criança nasça em uma dessas regiões. O corpo dos pais é constituído por átomos ligados aos valores que são irradiados por esta região. Essas radiações são mensuráveis, elas são diferentes em toda parte e dependem em geral do grau de latitude, da estrutura do solo e das formações rochosas. Nesse lugar o homem se sente bem ou não. No primeiro caso, ele se acomoda e se adapta ao lugar. No segundo caso, ele quer ir embora: então, ele será atraído por outras radiações, que dependerão, por exemplo, da situação geográfica, da conjuntura econômica e política que ele escolherá respectivamente por razão de saúde, ou para melhor ganhar sua vida, ou por não suportar o ambiente que o rodeia.

A criança que nasce é receptiva aos valores do lugar. A estrutura astral do país e do povo exprime-se na linguagem e no costume. Tal país, tal costume. Quem nunca se aventura fora de casa permanece sob as mesmas radiações. Há aldeias que podem permanecer isoladas do mundo durante centenas de anos, ou até países como o Japão que, durante séculos, fechou suas fronteiras aos estrangeiros.

Em vez de aquietar-se ... enferrujar

Uma das características da vida terrestre é que o crescimento sempre vem seguido pelo declínio. Todas as civilizações começaram quase despercebidas, depois alcançaram um grande poder, para no final acabarem sendo esmagadas. Isso não é novidade e se repete mais uma vez em nossos dias. A Europa lutou para sair da obscura Idade Média e tentou estabelecer sua unidade econômica e política. Mas a decadência corroeu os ideais e a civilização européia perdeu o seu poder. Todos os países, os povos, as cidades, as aldeias, as famílias e os indivíduos vivem esse mesmo crescimento seguido de decadência.

Um ser humano é uma materialização de um campo de força que surge num dado momento. Isto, se as radiações forem apropriadas, e se este ser estiver apto para aprender as lições de vida oferecidas por esse campo de força. Para tanto, uma consciência é

"depositada" numa determinada região, ou seja, em certas condições psíquicas, atmosféricas e materiais que formam seu berço. Aí se constroem e se consolidam as bases de sua vida terrestre, até o momento em que sua consciência deve empreender pessoalmente uma nova etapa. Então, o filho parte para construir sua própria existência.

As condições cósmicas mudam a cada segundo

Mas a terra continua a girar através dos espaços do universo. Portanto, as condições cósmicas se modificam a todo o instante e a vida terrestre, a natureza e a humanidade devem se adaptar a isto. Continentes desaparecem e aparecem, as correntes marinhas e os ventos dominantes mudam de direção, as civilizações perecem, os princípios variam e as espécies animais e vegetais morrem. Outros fenômenos tomam seu lugar. E os homens, acidentes do tempo, acumulam conhecimentos graças a essas transformações. Eles fazem parte disso, mas não estão ainda suficientemente conscientes, apesar de estudarem e buscarem as causas da vida.

As radiações mudam, os campos de força cercam a terra e tocam a humanidade. Os seres humanos reagem pela oposição ou pela compreensão. Alguns tentam formar por si mesmos certos valores, irradiá-los, cultivá-los e revestir-se deles como se fosse uma capa de proteção. Outros se deixam levar pela correnteza e se deixam conduzir para um novo futuro.

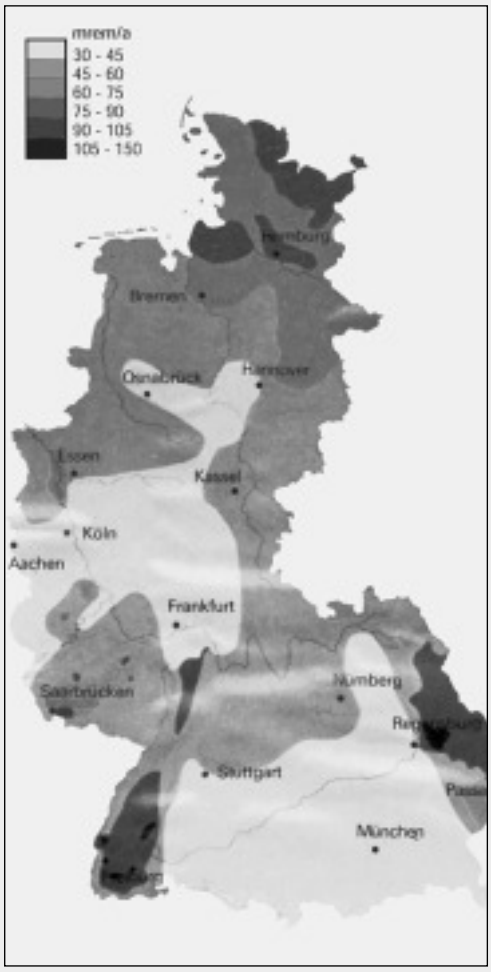
Assim, cada um forma seu próprio futuro, conscientemente ou não. Com suas idéias, seus sentimentos e seus atos cada um semeia as condições de radiação de sua próxima etapa. A cada um seu quinhão ! Mas esse "quinhão" geralmente não é satisfatório. Entretanto é preciso aceitá-lo e tirar dele alguma lição.

Agora que os meios de comunicação revelam em massa os acontecimentos do mundo inteiro, parece não haver mais um minuto de paz sobre a terra. Por toda parte surgem focos de incêndios, que se inflamam ou explodem. Sempre foi assim: este fenômeno faz parte do mundo dialético – só que nós não sabíamos disso. Nos séculos precedentes, a história da Europa limitava-se às regiões que rodeavam o mar Mediterrâneo: parecia que, além dele, nada acontecia!

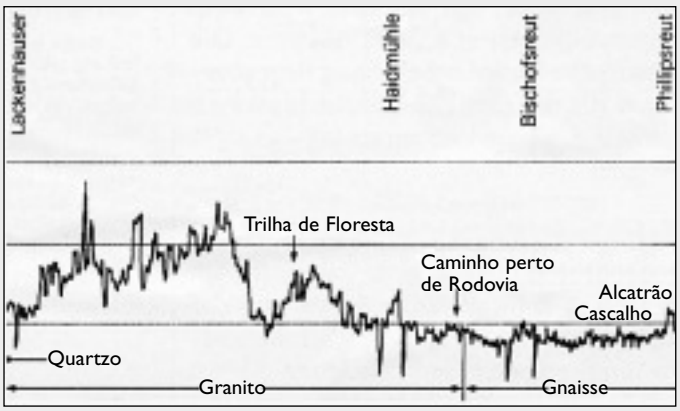
Os sítios arqueológicos mostram que todas as sociedades passaram por lutas. Monumentos como as pirâmides de Gizé e o Templo de Borobudur dão testemunho de que, apesar disso, existiu uma vida superior que transcendeu os campos de batalha.

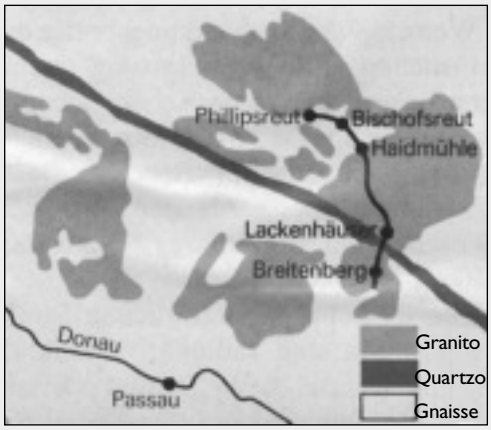
O ser humano é incapaz de se regenerar por si mesmo

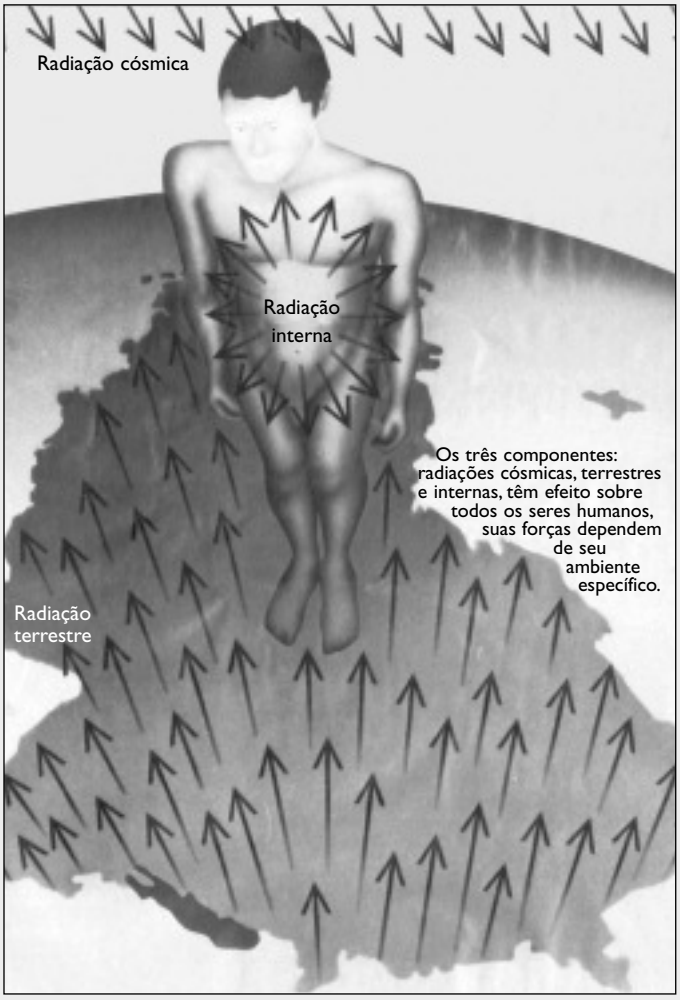
Como o campo de vida humano – o campo da natureza terrestre – tem uma vibração que há muito tempo já não está em concordância com a vida imortal, os homens já não têm a possibilidade de se regenerar por si mesmos. Eles permanecem fechados no círculo vicioso do nascimento, da vida e da morte, e perdem força continua-



À esquerda: Os minerais do solo têm cada um sua própria radiação.
Embaixo: Corte de um tipo de radiação entre as cidades de Lackenhäuser e de Phillipsreut na Alemanha.







Em cima: Representação gráfica das diferentes espécies de radiações que agem sobre o homem a partir do solo.
A direta: O homem é o ponto central de três fontes de radiação: seu próprio potencial de radiação, o da terra e o do cosmos.

mente. É por isso que é possível tentar calcular o fim do planeta e do sistema solar por computador. A natureza terrestre submeteu-se à força que se voltou contra Deus. Lúcifer governa o campo de vida terrestre e o homem deve segui-lo.

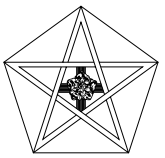
Torrentes de força circundam a terra.

A terra e as suas criaturas recebem a energia do sol e dele vivem. Mas o germe do espírito imortal no homem vive do sol que está por trás do sol, o Criador intangível do universo, enquanto que a natureza terrestre vive da natureza luciferiana, cujas forças envolvem a terra, aglutinam-se em lugares determinados e são reforçadas por aqueles que a elas aderem. Ai de quem vive nesta natureza! Apesar de tudo, as influências das forças divinas dissipam regularmente as forças luciferianas. Então, acontece um período de paz; mas a roda gira e a luta recomeça. É assim que as experiências vão se acumulando na consciência, que alcança o limite de suas possibilidades. Além disso está o ponto de toque a partir do qual outras forças – as forças de origem divina – podem influenciar a vida humana.

Um toque contínuo no coração

O nascimento na matéria coloca o ser humano em correntes energéticas suscetíveis de sustentá-lo. No mais profundo de sua miséria e de seu sofrimento ele pode reconhecer o seu aprisionamento. Na fartura, ele pode também aprender o desapego. As situações são infinitamente variadas. Nenhuma vida é igual a outra. O carma do mundo envolve a terra e leva as criaturas a vivenciarem experiências profundas. Mas o amor de Deus também engloba a terra enviando continuamente um chamado para os corações humanos, a fim de que eles transcendam o sofrimento.

Todos reagem a isto, seja pela oposição ou pela entrega. Aqueles que se opõem têm de ir mais longe e são apanhados pelas forças luciferianas. Aqueles que se entregam à Luz divina já têm o poder de dar as costas a Lúcifer. Então, a morte espiritual é vencida: a morte terrestre perde seu aguilhão e a porta do campo de vida eterna se abre.



"O tempo da colheita chegou. Por isso, Deus
chamou-me para a Sua colheita. Eu amolei minha foice,
porque agora se trata de lutar pela verdade.
O povo deve aprender por si mesmo a palavra vivente
de Deus pela boca de Deus."

(Thomas Münzer, Manifesto de Praga, 1523, p. 4)